

VINICIUS DE MORAES

POEMAS, SONETOS E BALADAS

COM 22 DESENHOS DE CARLOS LEÃO

EDIÇÕES GAVETA

SÃO PAULO

1946

DESTE LIVRO FORAM TIRADOS 372 EXEMPLARES NUMERADOS TIPOGRAFICAMENTE E ASSINADOS PELO AUTOR, SENDO:

22 EXEMPLARES EM PAPEL VERGÉ, NUMERADOS DE 1 A 22, TENDO CADA EXEMPLAR UM DESENHO ORIGINAL DE CARLOS LEÃO;

20 EXEMPLARES EM PAPEL BUFON CREME, NUMERADOS DE 23 A 42, TENDO CADA EXEMPLAR UM POEMA MANUSCRITO DO AUTOR;

30 EXEMPLARES EM PAPEL INGLÊS, NUMERADOS DE 43 A 72

E 300 EXEMPLARES EM PAPEL BUFON NUMERADOS DE 73 A 372.

EXEMPLAR N.º ~~013~~

Viciuș a leony

POEMAS, SONETOS E BALADAS

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zêlo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dêle se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, pôsto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

SONETO DE CARNAVAL

Distante o meu amor, se me afigura
O amor como um patético tormento
Pensar nêle é morrer de desventura
Não pensar é matar meu pensamento.

Seu mais doce desejo se amargura
Todo o instante perdido é um sofrimento
Cada beijo lembrado, uma tortura
Um ciúme do próprio ciumento.

E vivemos partindo, ela de mim
E eu dela, enquanto breves vão-se os anos
Para a grande partida que há no fim

De tôda a vida e todo o amor humanos:
Mas tranquila ela sabe, e eu sei tranquilo
Que se um fica o outro parte a redimí-lo.



A M O R T E

A Morte vem de longe
Do fundo dos céus
Vem para os meus olhos
Virá para os teus
Desce das estrêlas
Das brancas estrêlas
As loucas estrêlas
Trânsfugas de Deus
Chega impressentida
Nunca inesperada!
Ela que é na vida
A grande esperada:
A desesperada
Do amor fratricida
Dos homens, ai! dos homens
Que matam a morte
Por mêdo da vida.

A PARTIDA

Quero ir-me embora prá estrêla
Que vi luzindo no céu
Na várzea do setestrelô.
Sairei de casa à tarde
Na hora crepuscular
Em minha rua deserta
Nem uma janela aberta
Ninguém para me espiar
De vivo verei apenas
Duas mulheres serenas
Me acenando devagar
Será meu corpo sòzinho
Quem há de me acompanhar
Que a alma estará vagando
Entre os amigos, num bar.
Ninguém ficará chorando
Que mãe já não terei mais
E a mulher que outrora tinha
Mais que ser minha mulher
É mãe de uma filha minha.

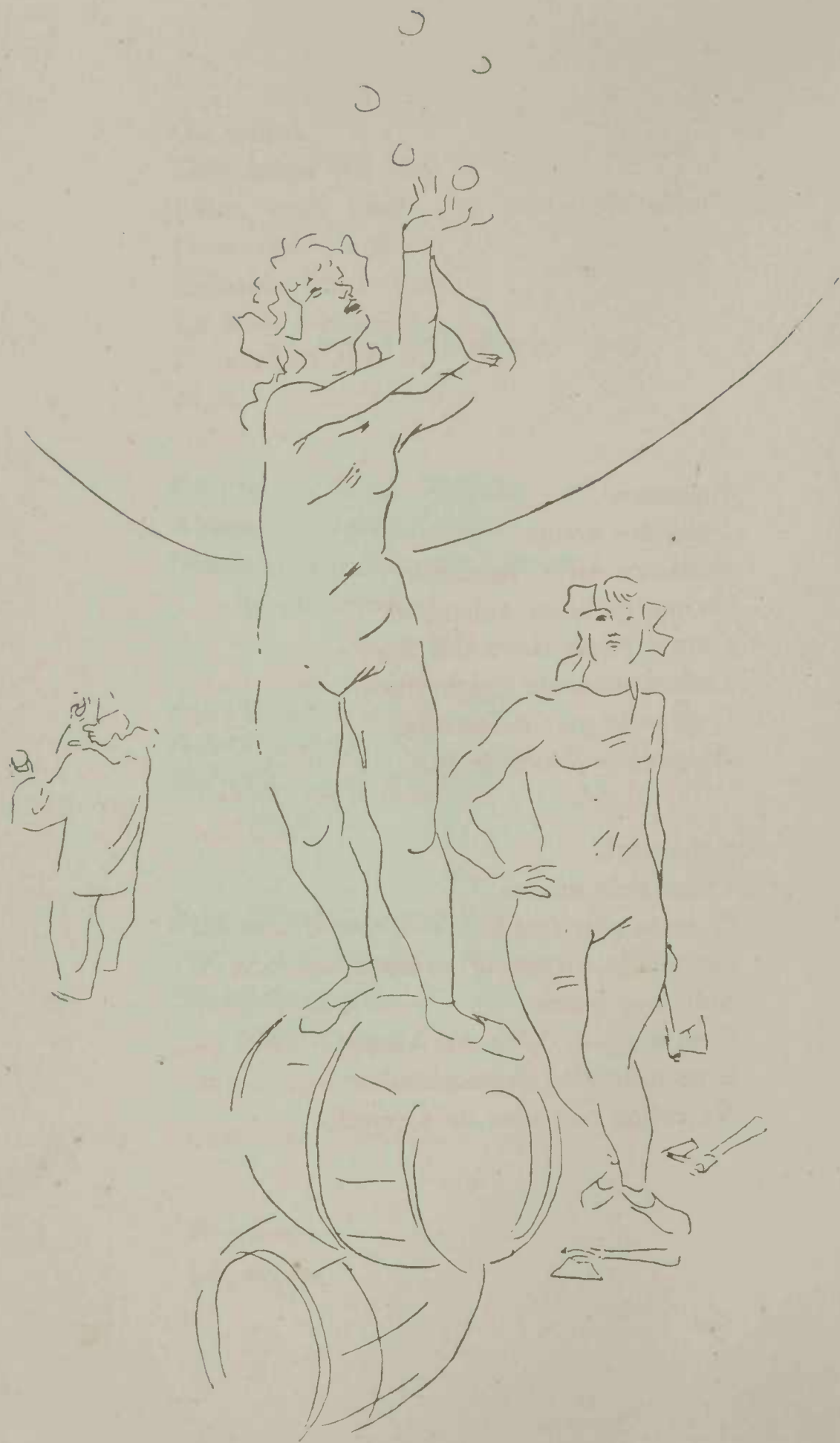
Irei embora sozinho
Sem angústia nem pesar
Antes contente da vida
Que não pedi, tão sofrida
Mas não perdi por ganhar.
Verei a cidade morta
Ir ficando para trás
E em frente se abrirem campos
Em luzes e em agapantos
Como a miragem de tantos
Que tremeluzem no alto.
Num ponto qualquer da treva
Um vento me envolverá
Sentirei a voz molhada
Da noite que vem do mar
Chegar-me-ão falas tristes
Como a querer me entristar
Mas não serei mais lembrança
Nada me surpreenderá:
Passarei lícido e frio
Compreensivo e singular
Como um cadáver num rio
E quando, de algum lugar
Chegar-me o apêlo vazio
De uma mulher a chorar
Só então me voltarei
Mas nem adeus lhe darei
No ôco raio estelar
Libertado subirei.

M A R I N H A

Na praia de coisas brancas
Abrem-se às ondas cativas
Conchas brancas, coxas brancas
Águas-vivas.

Aos mergulhares do bando
Afloram perspectivas
Redondas, se aglutinando
Volitivas.

E as ondas de pontas roxas
Vão e vêm, verdes e esquivas
Vagabundas, como frouxas
Entre vivas!



OS ACROBATAS

Subamos!
Subamos acima
Subamos além, subamos
Acima do além, subamos!
Com a posse física dos braços
Inelutavelmente galgaremos
O grande mar de estrêlas
Através milênios de luz.

Subamos!
Como dois atletas
O rosto petrificado
No pálido sorriso do esforço
Subamos acima
Com a posse física dos braços
E os músculos desmesurados
Na calma convulsa da ascensão.

Oh, acima
Mais longe que tudo
Além, mais longe que acima do além!
Como dois acrobatas
Subamos, lentíssimos
Lá onde o infinito
De tão infinito
Nem mais nome tem
Subamos!

Tensos
Pela corda luminosa
Que pende invisível
E cujos nós são astros
Queimando nas mãos
Subamos à tona
Do grande mar de estrêlas
Onde dorme a noite
Subamos!

Tu e eu, herméticos
As nádegas duras
A carótida nodosa
Na fibra do pescoço
Os pés agudos em ponta
Como no espasmo.

E quando
Lá, acima

Além, mais longe que acima do além
Adiante do véu de Betelgeuse
Depois do país de Altair
Sôbre o cérebro de Deus
Num último impulso
Libertados do espírito
Despojados da carne
Nós nos possuiremos.

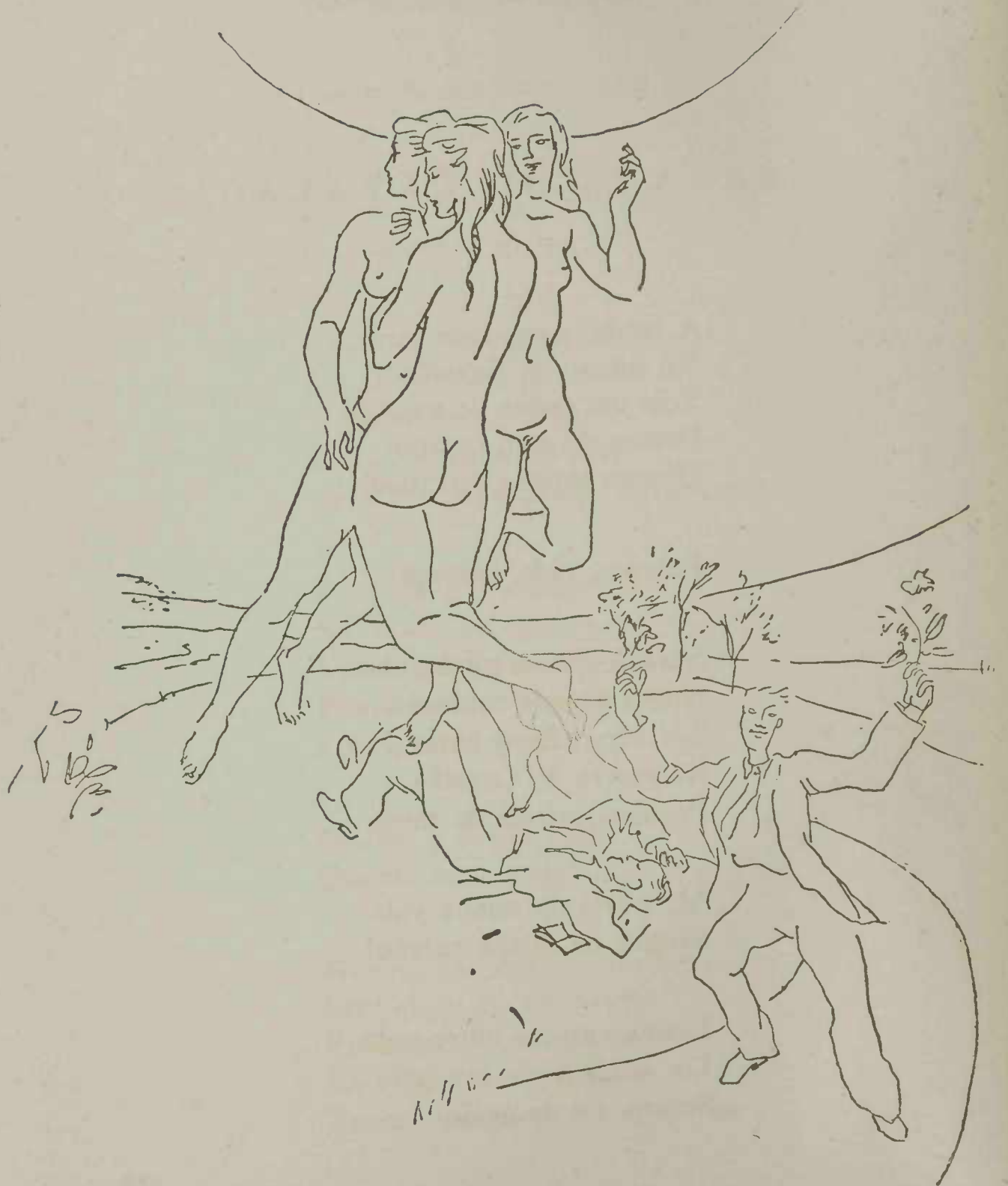
E morreremos
Morreremos alto, imensamente
IMENSAMENTE ALTO.

P A I S A G E M

Subí a alta colina
Para encontrar a tarde
Entre os rios cativos
A sombra sepultava o silêncio.

Assim entrei no pensamento
Da morte minha amiga
Ao pé da grande montanha
Do outro lado do poente.

Como tudo nesse momento
Me pareceu plácido e sem memória!
Foi quando de repente uma menina
De vermelho surgiu no vale correndo, correndo...



BALADA DO CAVALÃO

A tarde morre bem tarde
No morro do Cavalão.
Tem um poder de sossêgo.
Dentro do meu coração
Quanto sangue derramado!

Balança, rêde, balança. . .

Susana deixou minha alma
Numa grande confusão.
Seu bêrço ficou vazio
No morro do Cavalão
Pequena estrêla da tarde.

Ah, gôsto da minha vida
Sangue da minha paixão!

Levou o anjo o outro anjo
Da saudade de seu pai.
Susana foi de avião

Com quinze dias de idade
Batendo todos os records!

Que tarde que a tarde cai!
Poeta, diz teu anseio
Que o santo te satisfaz:
Queria fazer mais um filho
Queria tanto ser pai!

Voam cardumes de aves
No cristal rosa do ar.
Vontade de ser levado
Pelas correntes do mar
Para um grande mar de sangue!

E a vida passa depressa
No morro do Cavalão
Entre tantas flores, tantas
Flores tontas, parasitas
Parasitas da nação.

Quanta garrafa vazia
Quanto limão pelo chão!

Menina, me diz um verso
Bem cheio de ingratidão?
Era uma vez um poeta
No morro do Cavalão
Tantas fêz que a dor-de-côrno

Bateu com êle no chão
Arrastou êle nas pedras
Espremeu seu coração
Que pensa usted que saiu?
Saiu cachaça e limão.

Susana nasceu morena
E é Mello Moraes também:
É minha filha pequenã
Tão boa de querer bem!

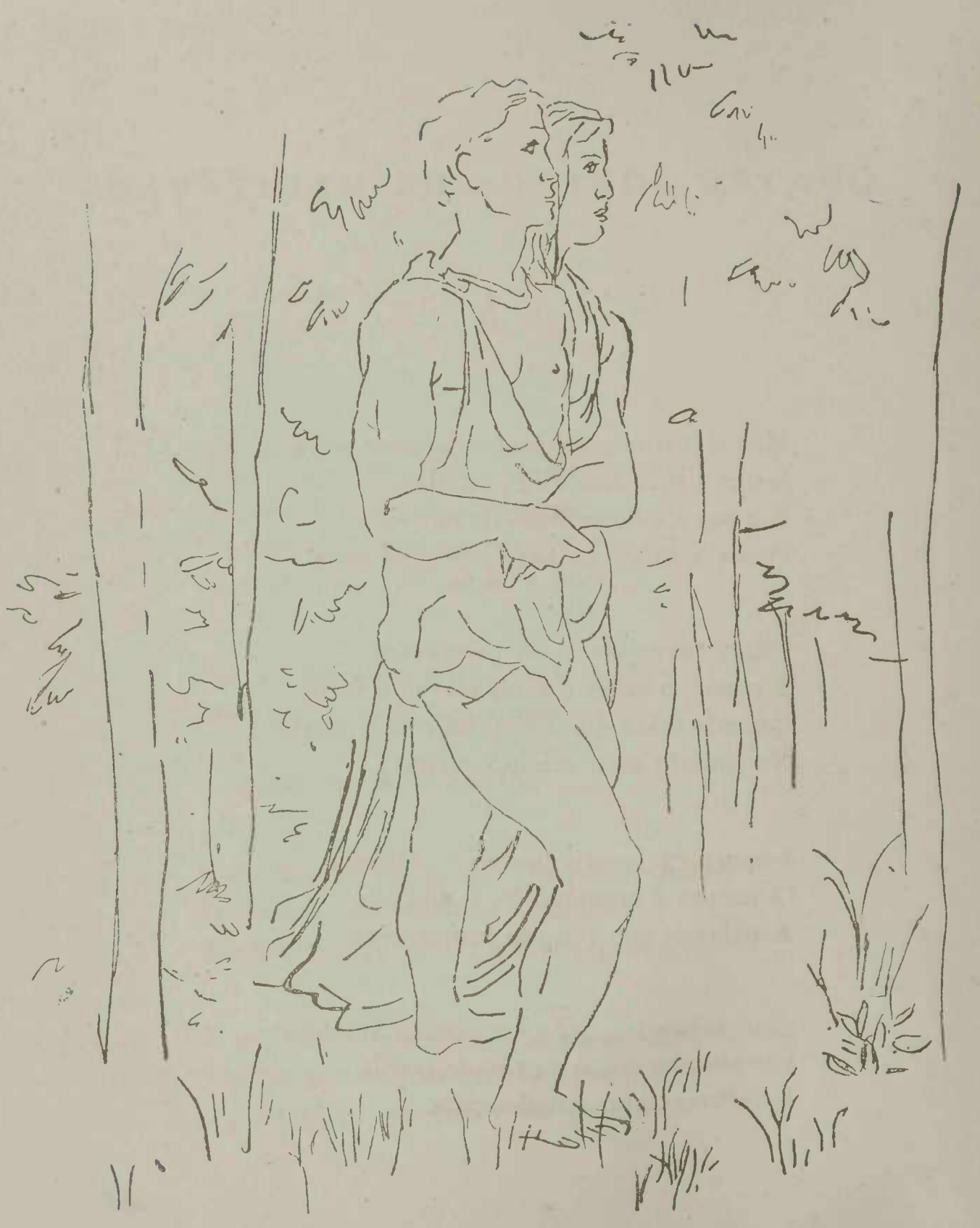
Ó Saco de São Francisco
Que eu avisto a cavaleiro
Do morro do Cavalão!
(O Saco de São Francisco
Xavier não chama não
Há de ser sempre de Assís:
São Francisco Xavier
É nome de uma estação)
Onde está minha alegria
Meus amores onde estão?

A casa das mil janelas
É a casa do meu irmão
Lá dentro me esperam elas
Que dormem cedo com mêdo
Da *trinca* do Cavalão.

Balança, rêde, balança...

C A N Ç Ã O

Não leves nunca de mim
A filha que tu me deste
A doce, úmida, tranquila
Filhinha que tu me deste
Deixa-a, que bem me persiga
Seu balbucio celeste.
Não leves; deixa-a comigo
Que bem me persiga, afim
De que eu não queira comigo
A primogênita em mim
A fria, sêca, incruada
Filha que a Morte me deu
Que vive dessedentada
De leite que não é seu
E que de noite me chama
Com a voz mais triste que há
E pra dizer que me ama
E pra chamar-me de pai.
Não deixes nunca partir
A filha que tu me deste
Afim de que eu não prefira
A outra, que é mais agreste
Mas que não parte de mim.



QUATRO SONETOS DE MEDITAÇÃO

I

Mas o instante passou. A carne nova
Sente a primeira fibra enrijecer
E o seu sonho infinito de morrer
Passa a caber no bêmço de uma cova.

Outra carne virá. A primavera
É carne, o amor é seiva eterna e forte
Quando o ser que viveu unir-se à morte
No mundo uma criança nascerá.

Importará jamais porquê? Adiante
O poema é translúcido, e distante
A palavra que vem do pensamento

Sem saudade. Não ter contentamento.
Ser simples como o grão de poesia
E íntimo como a melancolia.

II

Uma mulher me ama. Se eu me fôsse
Talvez ela sentisse o desalento
Da árvore jovem que não ouve o vento
Inconstante e fiel, tardio e doce

Na sua tarde em flor. Uma mulher
Me ama como a chama ama o silêncio
E o seu amor vitorioso vence
O desejo da morte que me quer.

Uma mulher me ama. Quando o escuro
Do crepúsculo mórbido e maduro
Me leva a face ao gênio dos espelhos

E eu, moço, busco em vão meus olhos velhos
Vindos de ver a morte em mim divina:
Uma mulher me ama e me ilumina.

III

O efêmero Ora, um pássaro no vale
Cantou por um momento, outrora, mas
O vale escuta ainda envolto em paz
Para que a voz do pássaro não cale.

E uma fonte futura, hoje primária
No seio da montanha, irromperá
Fatal, da pedra ardente, e levará
A voz a melodia necessária.

O efêmero. E mais tarde, quando antigas
Se fizerem as flores, e as cantigas
A uma nova emoção morrerem, cedo

Quem conhecer o vale e o seu segrêdo
Nem sequer pensará na fonte, a sós...
Porém o vale há de escutar a voz.

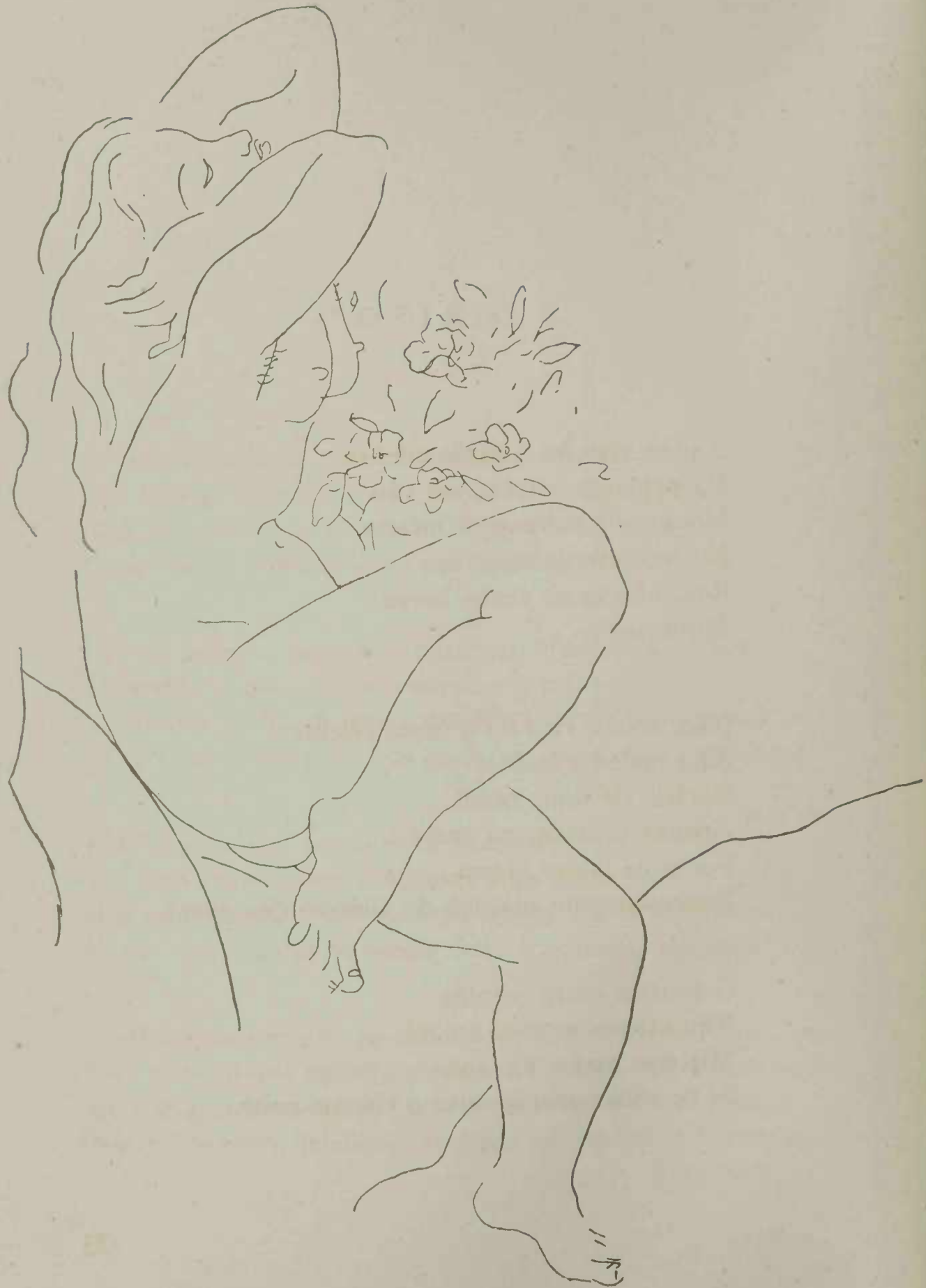
IV

Apavorado acordo, em treva. O luar
É como o espectro do meu sonho em mim
E sem destino, e louco, sou o mar
Patético, sonâmbulo e sem fim.

Desço na noite, envolto em sono; os braços
Como ímãs, atraio o firmamento
Enquanto os bruxos, velhos e devassos
Assoviam de mim na voz do vento.

Sou o mar! sou o mar! meu corpo informe
Sem dimensão e sem razão me leva
Para o silêncio onde o Silêncio dorme

Enorme. E como o mar dentro da treva
Num constante arremêso largo e aflito
Eu me espedaço em vão contra o infinito.



O R I S O

Aquêlê riso foi o canto célebre
Da primeira estrêla, em vão.
Milagre de primavera intacta
No sepulcro de neve
Rosa aberta ao vento, breve
Muito breve...

Não, aquêlê riso foi o canto célebre
Alta melodia imóvel
Gorjeio de fonte núbil
Apenas brotada, na treva...
Fonte de lábios (hora
Extremamente mágica do silêncio das aves).

Ó música entre pétalas
Não afugentes meu amor!
Mistério maior é o sono
Se de súbito não se ouve o riso na noite.

P E S C A D O R

Eh, pescador, onde vais pescar essa noitada:
Nas Pedras Brancas ou na ponte da praia do Barão?
Está tão preto que eu não te vejo, pescador, apenas
Ouço a agua ponteando no peito da tua canoa...

Vai em silêncio, pescador, para não chamar as almas.
Se ouvires o grito da procelária, volta pescador!
Se ouvires o sino do farol das Feiticeiras, volta pescador!
Se ouvires o choro da suicidada da usina, volta pescador!

Traz uma tainha gorda para Maria Mulata
Vai com Deus! daqui a instante a sardinha sobe
Mas toma cuidado com o cação e com o bôto nadador
E com o polvo que te enrola feito a palavra, pescador!

Porque vais sozinho, pescador, que fizeste do teu remorso
Não foste tu que navalhaste Juca Diabo no cal da caieira?
Me contaram, pescador, que êle tinha sangue tão grosso
Que foi preciso derramar cachaça na tua mão vermelha,
[pescador...

Eh, pescador, tu és homem, hein pescador? que é de Palmira
Ficou dormindo? eu gosto de tua mulher Palmira, pes-
[cador

Ela tem ruga mas é bonita, ela carrega lata d'água
E ninguém sabe porque ela não quer ser portuguesa, pes-
[cador...

Ouve, eu não peço nada do mundo, eu só queria a estrêla-
[d'alva

Porquê ela sorri mesmo antes de nascer, na madrugada...
Oh, vai no horizonte, pescador, com tua vela tu vais de-
[pressa

E quando ela vier à tona, pesca ela para mim depressa,
[pescador?

Ah, que tua canoa é leve, pescador; na água
Ela até me lembra meu corpo no corpo de Cora Marina
Tão grande era Cora Marina que eu até dormi nela
E ela também dormindo nem me sentia o pêso, pescador..

Ah, que tu és poderoso, pescador caranguejo não te morde
Marisco não te corta o pé, ouriço do mar não te pica
Ficas minuto e meio mergulhado em grota de mar-a-dentro
E quando sobes tens peixe na mão esganado, pescador!...

É verdade que viste alma na ponta da Amendoeira
E que ela atravessou a praça e entrou nas obras da igreja
[velha?

Ah, que tua vida tem caso, pescador, tem caso
E tu nem dás caso da tua vida, pescador...

Tu vês no escuro, pescador, tu sabes o nome dos ventos?
Porque ficas tanto tempo olhando no céu sem lua?
Quando eu olho no céu, fico tonto de tanta estrêla
E vejo uma mulher nua que vem caindo na minha verti-
[gem, pescador.

Tu já viste mulher nua, pescador: um dia eu vi Negra nua
Negra dormindo na rêde, dourada como a soalheira
Tinha duas roxuras nos peitos e um vasto negrume no sexo
E a bôca molhada e uma perna calçada de meia, pescador . . .

Não achas que a mulher parece com a água, pescador
Que os peitos dela parecem ondas sem espuma
Que o ventre parece a areia mole do fundo
Que o sexo parece a concha marinha entreaberta, pescador?

Esquece a minha voz, pescador, que eu nunca fui inocente!
Teu remo fende a água redonda com um tremor de carícia
Ah, pescador, que as vagas são peitos de mulheres boiando
[à tona
Vai devagar, pescador, a água te dá carinho indizíveis,
[pescador!

És tu que acendes teu cigarro de palha no isqueiro de corda
Ou é a luz da bóia boiando na entrada do recife, pescador?
Meu desejo era apenas ser segundo no leme da tua canoa
Trazer peixe fresco e manga rosa da Ilha Verde, pescador!

Ah, pescador, que milagre maior que a tua pescaria!
Quando lanças tua rêde lanças teu coração com ela, pescador
Teu anzol é brinco irresistível para o peixinho
Teu arpão é mastro firme no casco do pescado, pescador!

Toma castanha de cajú torrada, toma aguardente de cana
Que sonho de matar peixe te rouba assim a fome, pescador?
Toma farinha torrada para a tua sardinha, toma, pescador
Senão ficas fraco do peito que nem teu pai Zé Pescada,
[pescador.

Se estás triste eu vou buscar Joaquim, o poeta português
Que te diz o verso da mãe que morreu três vêzes por causa
[do filho na guerra
Na terceira vez êle sempre chora, pescador, é engraçado
E arranca os cabelos e senta na areia e espreme a bicheira
[do pé.

Não fiques triste, pescador, que mágoa não pega peixe.
Deixa a mágoa para o Sandoval que é soldado e brigou com
[a noiva
Que pegou brasa do fogo só para esquecer a dor da ingrata
E tatuou o peito com a cobra do nome dela, pescador.

Tua mulher Palmira é santa, a voz dela parece reza
O olhar dela é mais grave que a hora depois da tarde
Um dia, cansada de trabalhar, ela vai se estirar na enxêrga
Vai cruzar as mãos no peito, vai chamar a morte e
[descansar...

Deus te leve, Deus te leve perdido por essa vida...
Ah, pescador, tu pescas a morte, pescador
Mas toma cuidado que de tanto pescares a morte
Um dia a morte também te pesca, pescador!...

Tens um branco de luz nos teus cabelos, pescador:
É a aurora? oh, leva-me na aurora, pescador!
Quero banhar meu coração na aurora, pescador!
Meu coração negro de noite sem aurora, pescador!

Não vás ainda, escuta! eu te dou o bentinho de São
[Cristóvam
Eu te dou o escapulário da Ajuda, eu te dou ripa da barca
[santa
Quando Venus sair das sombras eu não quero ficar sozinho
Eu não quero ficar cego, eu não quero morrer apaixonado,
[pescador!

Ouve o canto misterioso das águas no firmamento...
É a alvorada, pescador, a inefável alvorada
A noite se desencorpora, pescador, em sombra
E a sombra em névoa e madrugada, pescador!

Vai, vai, pescador, filho do vento, irmão da aurora
És tão belo que nem sei se existes, pescador
Teu rosto tem rugas para o mar, onde deságua
O pranto com que matas a sêde de amor do mar!

Apenas te vejo na treva que se desfaz em brisa
Vais seguindo serenamente pelas águas, pescador
Levas na mão a bandeira branca da vela enfunada
E chicoteias com anzol a face invisível do céu!



B A R C A R O L A

Partí-me, trágico, ao meio
De mim mesmo, na paixão.
A amiga mostrou-me o seio
Como uma consolação.

Dormí-lhe no peito frio
De um sono sem sonhos, mas
A carne no desvario
Da manhã, roubou-me a paz.

Fugí, temeroso, ao gesto
Do seu receio modesto
E cálido; enfim, depois

Pensando a vida adiante
Vi o remorso distante
Dêsse crime de nós dois.

LÁPIDE DE SINHAZINHA
FERREIRA

A vida sossega
Lírios em repouso
Adormecestes cega
Na visão do espôso.

A paixão é pouso
Que a treva não nega
A morte carrega
E o sono dá gôzo.

Não vos vejo em paz
Nem vos penso bem
Na minha saudade.

Sinto que vagais
Ao lado de alguém
Pela eternidade.



SONETO DE DESPEDIDA

Uma lua no céu apareceu
Cheia e branca; foi quando, emocionada
A mulher a meu lado estremeceu
E se entregou sem que eu dissesse nada.

Larguei-as pela jovem madrugada
Ambas cheias e brancas e sem véu
Perdida uma, a outra abandonada
Uma nua na terra, outra no céu.

Mas não partira delas; a mais louca
Apaixonou-me o pensamento; dei-o
Feliz — eu de amor pouco e vida pouca

Mas que tinha deixado em meu enleio
Um sorriso de carne em sua bôca
Uma gôta de leite no seu seio.

O A P Ê L O

Que te vale, minha alma, essa paisagem fria
Essa terra onde parecem repousar virgens distantes?
Que te importa essa calma, essa tarde caindo sem vozes
Êsse ar onde as nuvens se esquecem como adeuses?
Que te diz o adormecimento dessa montanha extática
Onde há caminhos tão tristes que ninguém anda nêles
E onde o pipilo de um pássaro que passa de repente
Parece suspender uma lágrima que nunca se derrama?
Para que te debruças inútilmente sôbre êsse êrmo
E buscas um grito de agonia que nunca te chegará a tempo
Que são longos, minha alma, os espaços perdidos...
Ah, chegar! chegar depois de tanta ausência
E despontar como um santo dentro das ruas escuras
Bêbado dos seios da amada cheios de espuma!

NOTÍCIA D'“O SÉCULO”

Nas terras do Geraz
Que compreendem três populosas freguesias
O povo ainda se mostra sucumbido
Com o bárbaro crime do lavrador Manuel da Névoa
E é curioso notar que ao toque das rezas
Os habitantes correm aos campos, matas e veigas
Gritando pelo assassino, para que apareça
Que não se esconda, pois se torna necessário fazer justiça.
Trata-se de um velho costume
Com o fim de exacerbar o remorso
Dos criminosos que andem a monte fugindo ao castigo
Nas terras do Geraz.

SONETO DA MADRUGADA

Pensar que já viví à sombra escura
Dêsse ideal de dor, triste ideal
Que acima das paixões do bem e do mal
Colocava a paixão da criatura !

Pensar que essa paixão, flor de amargura
Foi uma desventura sem igual
Uma incapacidade de ternura
Nunca simples e nunca natural !

Pensar que a vida se houve de tal sorte
Com tal zêlo e tão íntimo sentido
Que em mim a vida renasceu da morte!

Hoje me libertei, povo oprimido
E por ti viverei meu ódio forte
Nesse misterioso amor perdido.

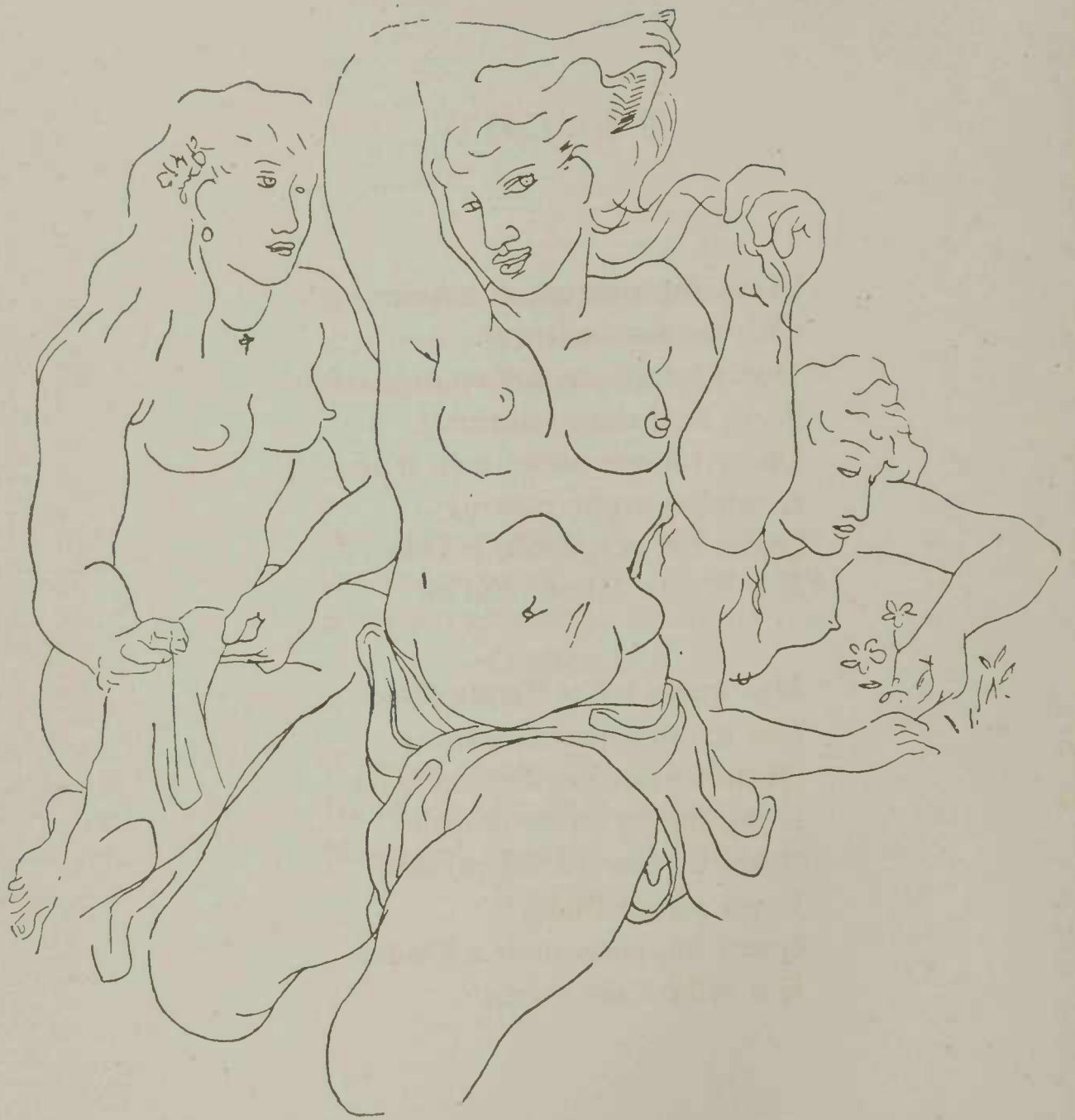
SINOS DE OXFORD

Cantai sinos, sinos
Cantai pelo ar
Que tão puros, nunca
Mais ireis cantar
Cantai leves, leves
E logo vibrantes
Cantai aos amantes
E aos que vão amar.

Levai vossos cantos
As ondas do mar
E saudai as aves
Que vêm de arribar
Em bandos, em bandos
Sòzinhas, do além
Oh, aves! ó sinos
Arribai também!

Sinos! dóceis, doces
Almas de sineiros
Branços peregrinos
Do céu, companheiros
Indeléveis! rindo
Rindo sôbre as águas
Do rio fugindo...
Consolai-me as mágoas!

Consolai-me as mágoas
Que não passam mais
Minhas pobres mágoas
De quem não tem paz
Ter paz... tenho tudo
De bom e de bem...
Respondei-me, sinos
A morte já vem?



T R E C H O

Quem foi, perguntou o Celo
Que me desobedeceu?
Quem foi que entrou no meu reino
E em meu ouro remexeu?
Quem foi que pulou meu muro
E minhas rosas colheu?
Quem foi, perguntou o Celo
E a Flauta falou: Fui eu.

Mas quem foi, a Flauta disse
Que no meu quarto surgiu?
Quem foi que me deu um beijo
E em minha cama dormiu?
Quem foi que me fêz perdida
E que me desiludiu?
Quem foi, perguntou a Flauta
E o velho Celo sorriu.

M A R

Na melancolia de teus olhos
Eu sinto a noite se inclinar
E ouço as cantigas antigas
Do mar.

Nos frios espaços de teus braços
Eu me perco em carícias de água
E durmo escutando em vão
O silêncio.

E anseio em teu misterioso seio
Na atonia das ondas redondas
Náufrago entregue ao fluxo forte
Da morte.



C. Van

BALADA DA PRAIA DO VIDIGAL

A lua foi companheira
Na praia do Vidigal
Não surgiu, mas mesmo oculta
Nos recordou seu luar
Teu ventre de maré cheia
Vinha em ondas me puxar
Eram-me os dedos de areia
Eram-te os lábios de sal.

Na sombra que alí se inclina
Do rochedo em miramar
Eu soube te amar, menina
Na praia do Vidigal !
Havia tanto silêncio
Que para o desencantar
Nem meus clamores de vento
Nem teus soluços de água.
Minhas mãos te confundiam
Com a fria areia molhada
Vencendo as mãos dos alíseos

Nas ondas da tua saia.
Meus olhos baços de brumas
Junto aos teus olhos de alga
Viam-te envolta de espumas
Como a menina afogada.
E que doçura entregar-me
Aquela mole de peixes
Cegando-te o olhar vazio
Como um cardume de beijos!
Muito lutamos, menina
Naquele pêgo selvagem
Entre areias assassinas
Junto ao rochedo da margem.
Três vêzes submergiste
Três vêzes voltaste à flor
E te afogaras, não fôssem
As rêdes do meu amor.
Quando voltamos, a noite
Parecia em tua face
Tinhas vento em teus cabelos
Gotas d'água em tua carne
No verde lençol da areia
Um marco ficou cavado
Moldando a forma de um corpo
No meio da cruz de uns braços:
Talvez que o marco, criança,
Já o tenha lavado o mar
Mas nunca leva a lembrança
Daquela noite de amores
Na praia do Vidigal.



CÂNTICO

Não, tu não és um sonho, és a existência.
Tens carne, tens fadiga e tens pudor
No calmo peito teu. Tu és a estrêla
Sem nome, és a morada, és a cantiga
Do amor, és luz, és lírio, namorada!
Tu és todo o esplendor, o último claustro
Da elegia sem fim, anjo! mendiga
Do triste verso meu. Ah, fôsses nunca
Minha, fôsses a idéia, o sentimento
Em mim, fôsses a aurora, o céu da aurora
Ausente, amiga, eu não te perderia!
Amada! onde te deixas, onde vagas
Entre as vagas flores? e porque dormes
Entre os vagos rumores do mar? Tu
Primeira, última, trágica, esquecida
De mim! És linda, és alta! és sorridente
És como o verde do trigal maduro
Teus olhos têm a côr do firmamento
Céu castanho da tarde — são teus olhos!
Teu passo arrasta a doce poesia
Do amor! prende o poema em forma e côr

No espaço; para o astro do poente
És o levante, és o Sol! eu sou o gira
O gira, o girassol. És a soberba
Também, a jovem rosa purpurina
És rápida também, como a andorinha!
Doçura! lisa e murmurante... a água
Que corre no chão morno da montanha
És tu! tens muitas emoções; o pássaro
Do trópico inventou teu meigo nome
Duas vezes, de súbito encantado!
Dona do meu amor! sêde constante
Do meu corpo de homem! melodia
Da minha poesia extraordinária!
Porque me arrastas? porque me fascinas?
Porque me ensinas a morrer? teu sonho
Me leva o verso à sombra e à claridade.
Sou teu irmão, és minha irmã; padeço
De ti, sou teu cantor humilde e terno
Teu silêncio, teu trêmulo sossêgo
Triste, onde se arrastam nostalgias
Melancólicas, ah, tão melancólicas...

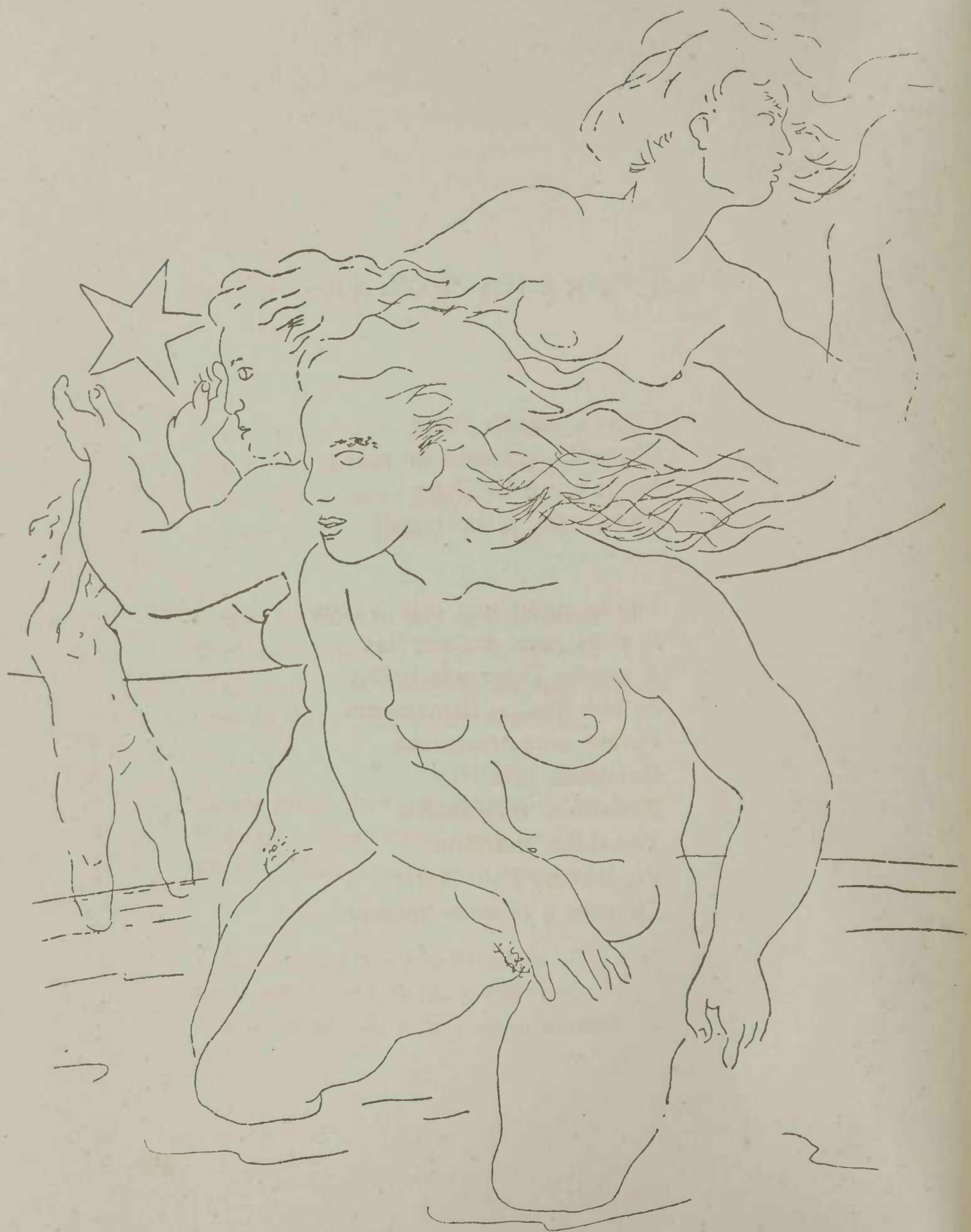
Amiga, entra de súbito, pergunta
Por mim, se eu continuo a amar-te; ri
Êsse riso que é tosse de ternura
Carrega-me em teu seio, louca! sinto
A infância em teu amor! cresçamos juntos
Como se fôra agora, e sempre; dêmos
Nomes graves às coisas impossíveis
Recriemos a mágica do sonho

Lânguida! ah, que o destino nada pode
Contra êsse teu langor; és o penúltimo
Lirismo! encosta a tua face fresca
Sôbre o meu peito nu, ouves? é cedo
Quanto mais tarde fôr, mais cedo! a calma
É o último suspiro da poesia
O mar é nosso, a rosa tem seu nome
E rescende mais pura ao seu chamado
Julieta! Carlota! Beatriz! .
Oh, deixa-me brincar que te amo tanto
Que se não brinco, choro, e dêsse pranto
Dêsse pranto sem dor que é o único amigo
Das horas más em que não estás comigo.

A U M P A S S A R I N H O

Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assís.

Deixa-te de histórias
Some-te daqui!



ESTRÊLA POLAR

Eu vi a estrêla Polar
Chorando em cima do mar !
Eu vi a estrêla Polar
Nas costas de Portugal!

Desde então não seja Venus
A mais pura das estrêlas
A estrêla Polar não brilha
Se humilha no firmamento
Parecê uma criancinha
Enjeitada pelo frio
Estrelinha franciscana
Teresinha, mariana
Perdida no Polo Norte
De tôda a tristeza humana.

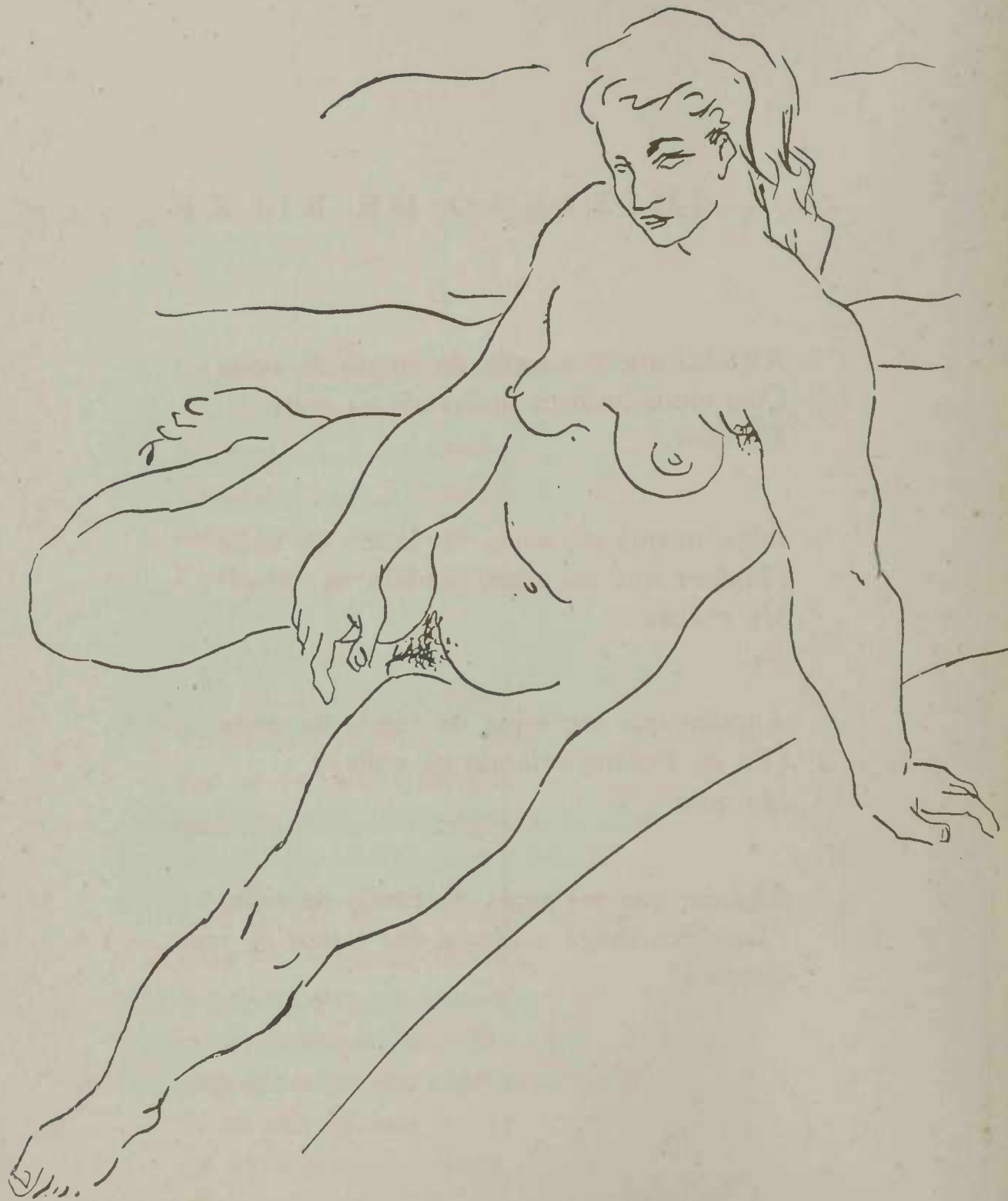
SONETO DO MAIOR AMOR

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste
Que de uma vida malaventurada.

Louco amor meu que quando toca, fere
E quando fere, vibra, mas prefere
Ferir a fenecer — e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido e delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.



IMITAÇÃO DE RILKE

Alguém que me espia do fundo da noite
Com olhos imóveis brilhando na noite
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Mulher que me ame, perdida na noite?)
Me chama.

Alguém que me espia do fundo da noite
(És tu, Poesia, velando na noite?)
Me quer.

Alguém que me espia do fundo da noite
(Também chega a Morte dos ermos da noite...)
Quem é?

BALADA DO ENTERRADO VIVO

Na mais medonha das trevas
Acabei de despertar
Soterrado sob um túmulo.
De nada chego a lembrar
Sinto meu corpo pesar
Como se fôsse de chumbo.
Não posso me levantar
Debalde tentei clamar
Aos habitantes do mundo.
Tenho um minuto de vida
Em breve estará perdida
Quando eu quiser respirar.

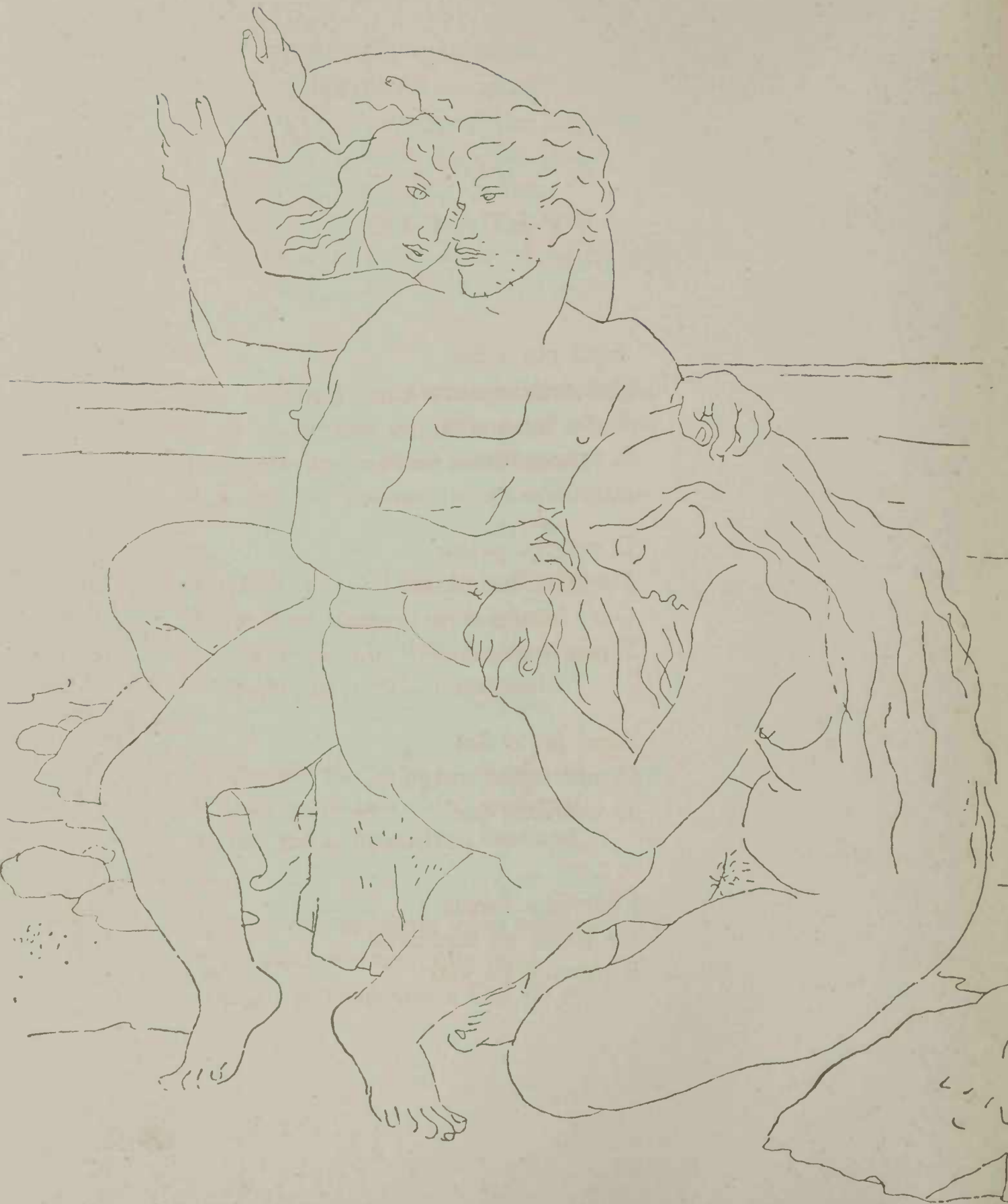
Meu caixão me prende os braços.
Enorme, a tampa fechada
Roça-me quase a cabeça.
Se ao menos a escuridão
Não estivesse tão espessa !
Se eu conseguisse fincar
Os joelhos nessa tampa

E os sete palmos de terra
Do fundo à campa rasgar!
Se um som eu chegasse a ouvir
No ôco dêsse caixão
Que não fôsse êsse soturno
Bater do meu coração!
Se eu conseguisse esticar
Os braços num repelão
Inda rasgassem-me a carne
Os ossos que restarão!
Se eu pudesse me virar
As omoplatas romper
Na fúria de uma evasão
Ou se eu pudesse sorrir
Ou de ódio me estrangular
E de outra morte morrer!

Mas só me resta esperar
Suster a respiração
Sentindo o sangue subir-me
Como a lava de um vulcão
Enquanto a terra me esmaga
O caixão me oprime os membros
A gravata me asfixia
E um lenço me cerra os dentes!
Não há como me mover
E êsse lenço desatar
Não há como desmanchar
O laço que os pés me prende!

Bate, bate, mão aflita
No fundo dêsse caixão
Marca a angústia dos segundos
Que sem ar se extinguirão!
Lutai, pés espavoridos
Presos num nó de cordão
Que, acima, os homens passando
Não ouvem vossa aflição!

Raspa, cara enlouquecida
Contra a lenha da prisão
Pesando sôbre teus olhos
Há sete palmos de chão!
Corre, mente desvairada
Sem consôlo e sem perdão
Que nem a prece te ocorre
A louca imaginação!
Busca o ar que se te finda
Na caverna do pulmão
O pouco que tens ainda
Te há de erguer na convulsão
Que romperá teu sepulcro
E os sete palmos de chão:
Não te restassem por cima
Setecentos de amplidão!



E P I T Á F I O

Aquí jaz o Sol
Que criou a aurora
E deu luz ao dia
E apascentou a tarde

O mágico pastor
De mãos luminosas
Que fecundou as rosas
E as despetalou.

Aquí jaz o Sol
O andrógino meigo
E violento, que

Possuiu a forma
De tôdas as mulheres
E morreu no mar.

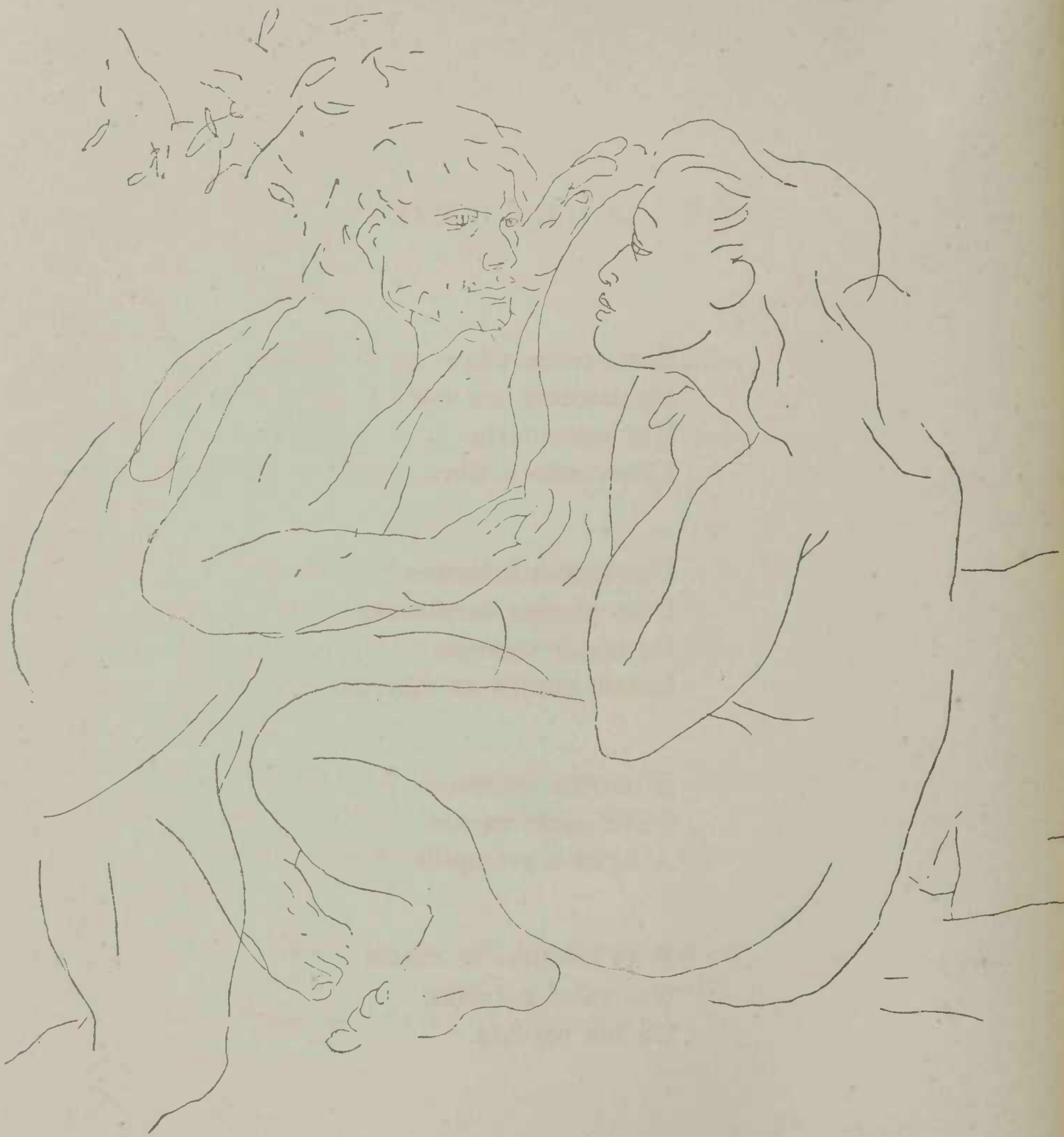
SONETO DE LONDRES

Que angústia estar sòzinho na tristeza
E na prece! que angústia estar sòzinho
Imensamente, na inocência! acesa
A noite, em brancas trevas o caminho

Da vida, e a solidão do borborinho
Unindo as almas frias à beleza
Da neve vã; oh, tristemente assim
O sonho, neve pela natureza!

Irremediável, muito irremediável
Tanto como essa tórre medieval
Cruel, pura, insensível, inefável

Tórre; que angústia estar sòzinho! ó alma
Que ideal perfume, que fatal
Torpor te despetala a flor do céu?



A L L E G R O

Sente como vibra
Doidamente em nós
Um vento feroz
Estorcendo a fibra

Dos caules informes
E as plantas carnívoras
De bôcas enormes
Lutam contra as víboras

E os rios soturnos
Ouve como vasam
A água corrompida

E as sombras se casam
Nos raios noturnos
Da lua perdida.

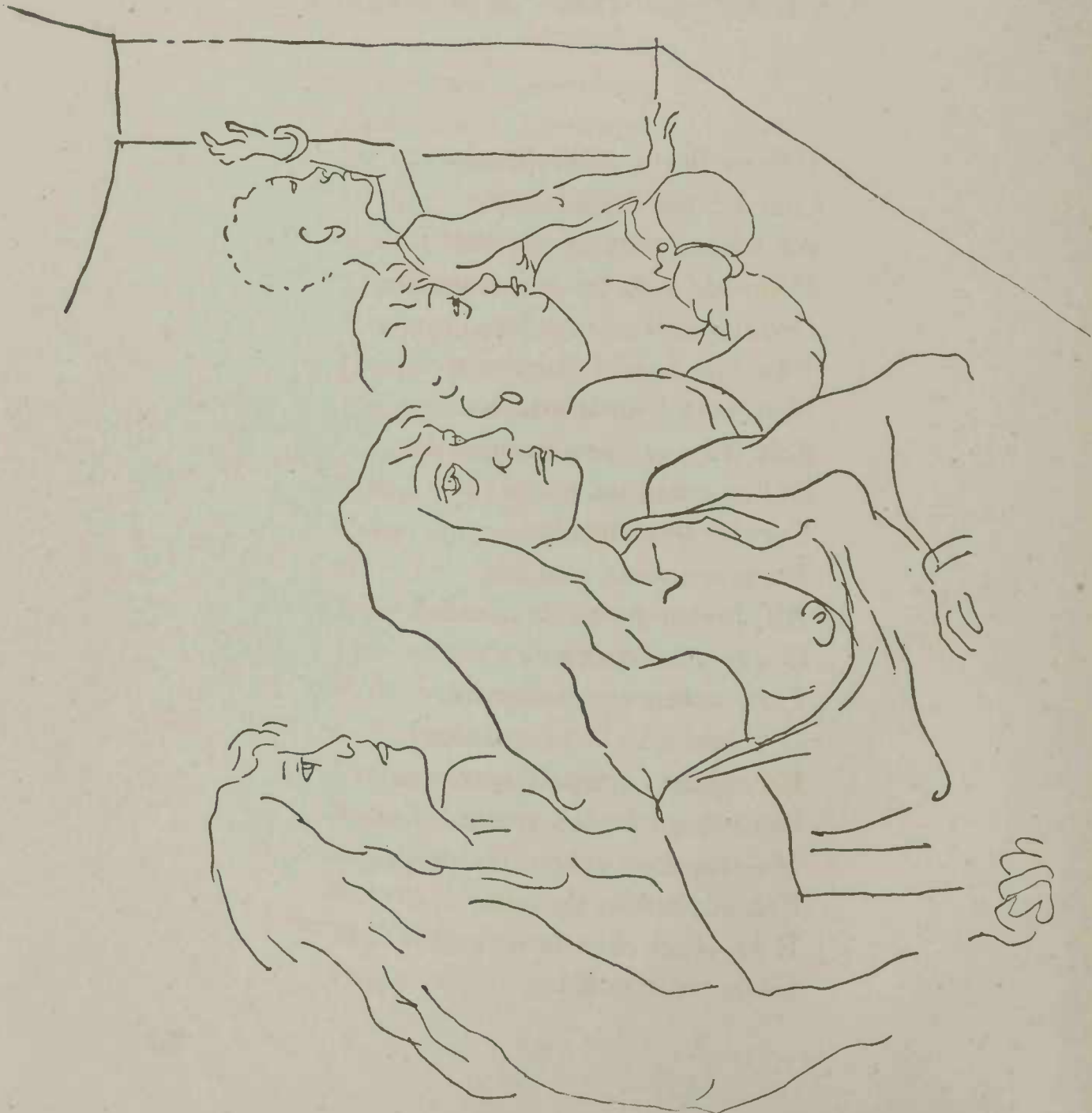
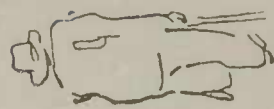
SONETO DE VÉSPERA

Quando chegares e eu te vir chorando
De tanto te esperar, que te direi?
E da angústia de amar-te, te esperando
Reencontrada, como te amarei?

Que beijo teu de lágrimas terei
Para esquecer o que viví lembrando
E que farei da antiga mágoa quando
Não puder te dizer porque chorei ?

Como ocultar a sombra em mim suspensa
Pelo martírio da memória imensa
Que a distância criou — fria de vida

Imagem tua que eu compús serena
Atenta ao meu apêlo e à minha pena
È que quisera nunca mais perdida . . .



15

BALADA DO MANGUE

Pobres flores gonocólicas
Que à noite despetalais
As vossas pétalas tóxicas!
Pobre de vós, pensas, murchas
Orquídeas do despudor
Não sois Loelia tenebrosa
Nem sois Vanda tricolor:
Sois frágeis, desmininguidas
Dálias cortadas ao pé
Corolas descoloridas
Enclausuradas sem fé.
Ah, jovens putas das tardes
O que vos aconteceu
Para assim envenenardes
O porem que Deus vos deu?
No entanto crispais sorrisos
Em vossas jaulas acesas
Mostrando o rubro das prêsas
Falando coisas do amor
E às vêzes cantais uivando
Como cadelas à lua

Que em vossa rua sem nome
Rola perdida no céu...
Mas que brilho mau de estrêla
Em vossos olhos lilases
Percebo quando, falazes
Fazeis rapazes entrar!
Sinto então nos vossos sexos
Formarem-se imediatos
Os venenos putrefatos
Com que os envenenar
Ó misericordiosas!...
Glabras, glúteas caftinas
Embebidas em jasmim
Jogando cantos felizes
Em perspectivas sem fim
Cantais, maternais hienas
Canções de caftinizar
Gordas polacas serenas
Sempre prestes a chorar.
Como sofreis, que silêncio
Não deve gritar em vós
Êsse imenso, atroz silêncio
Dos santos e dos heróis !
E o contraponto de vozes
Com que amplias o mistério
Como é semelhante às luzes
Votivas de um cemitério
Esculpido de memórias!
Pobres, trágicas mulheres
Multidimensionais
Ponto-morto de choferes

Passadiço de navais!
Louras mulatas francesas
Vestidas de carnaval:
Viveis a festa das flores
Pelo convés dessas ruas
Ancoradas no canal?
Para onde irão vossos cantos
Para onde irá vossa nau?
Porquê vos deixais imóveis
Alérgicas sensitivas
Nos jardins dêsse hospital
Etílico e heliotrópico?
Porque não vos trucidais
Ó inimigas; ou bem
Não ateais fogo às vestes
E vos lançais como tochas
Contra êsses homens de nada
Nessa terra de ninguém!

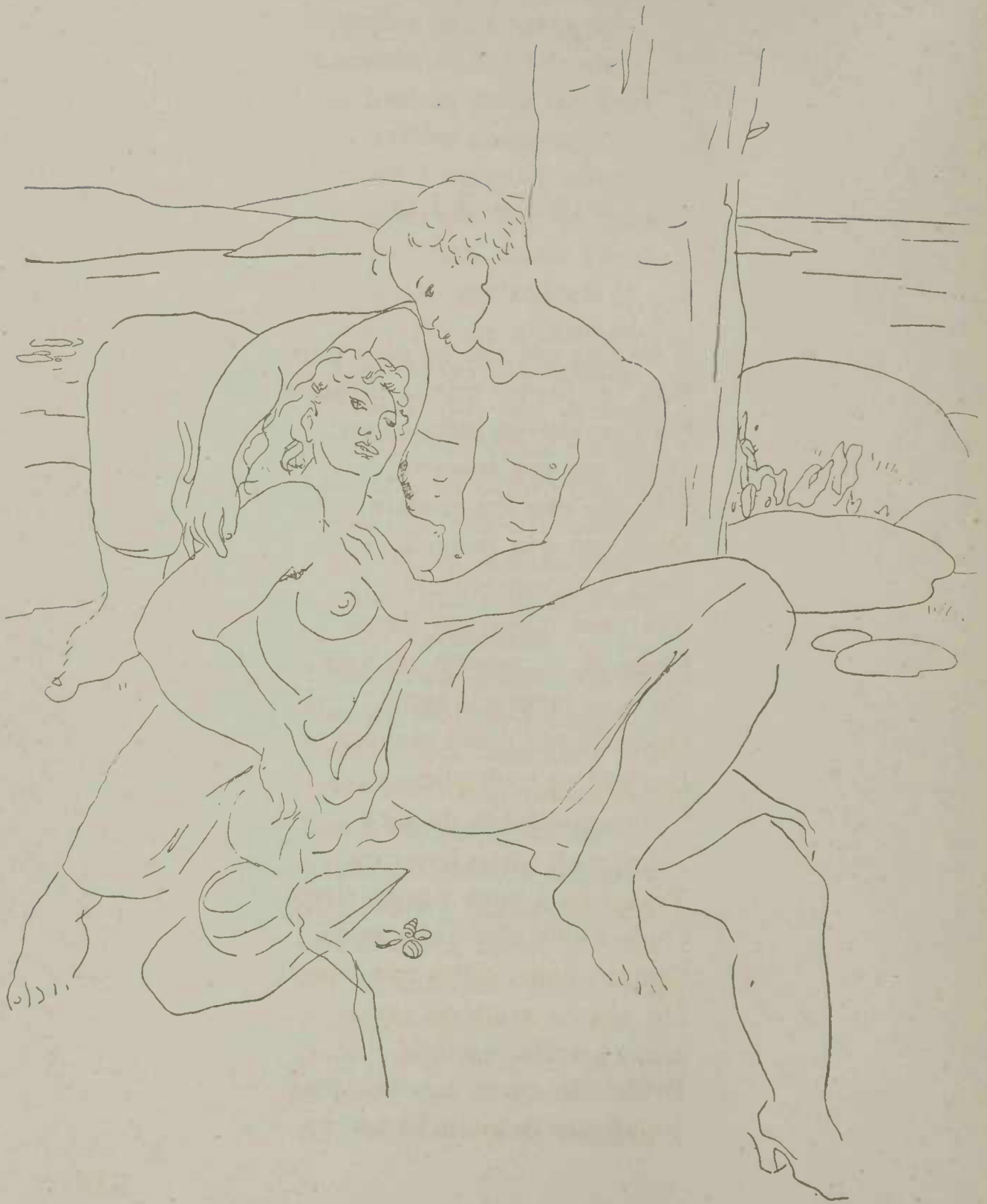
SONETO A OCTAVIO DE FARIA

Não te vira cantar sem voz, chorar
Sem lágrimas, e lágrimas e estrêlas
Desencantar, e mudo recolhê-las
Para lançá-las fulgurando ao mar?

Não te vira no bojo secular
Das praias, desmaiar de êxtase nelas
Ao cansaço viril de percorrê-las
Entre os negros abismos do luar?

Não te vira ferir o indiferente
Para lavar os olhos da impostura
De uma vida que cala e que consente?

Vira-te tudo, amigo! coisa pura
Arrancada da carne intransigente
Pelo trágico amor da criatura.



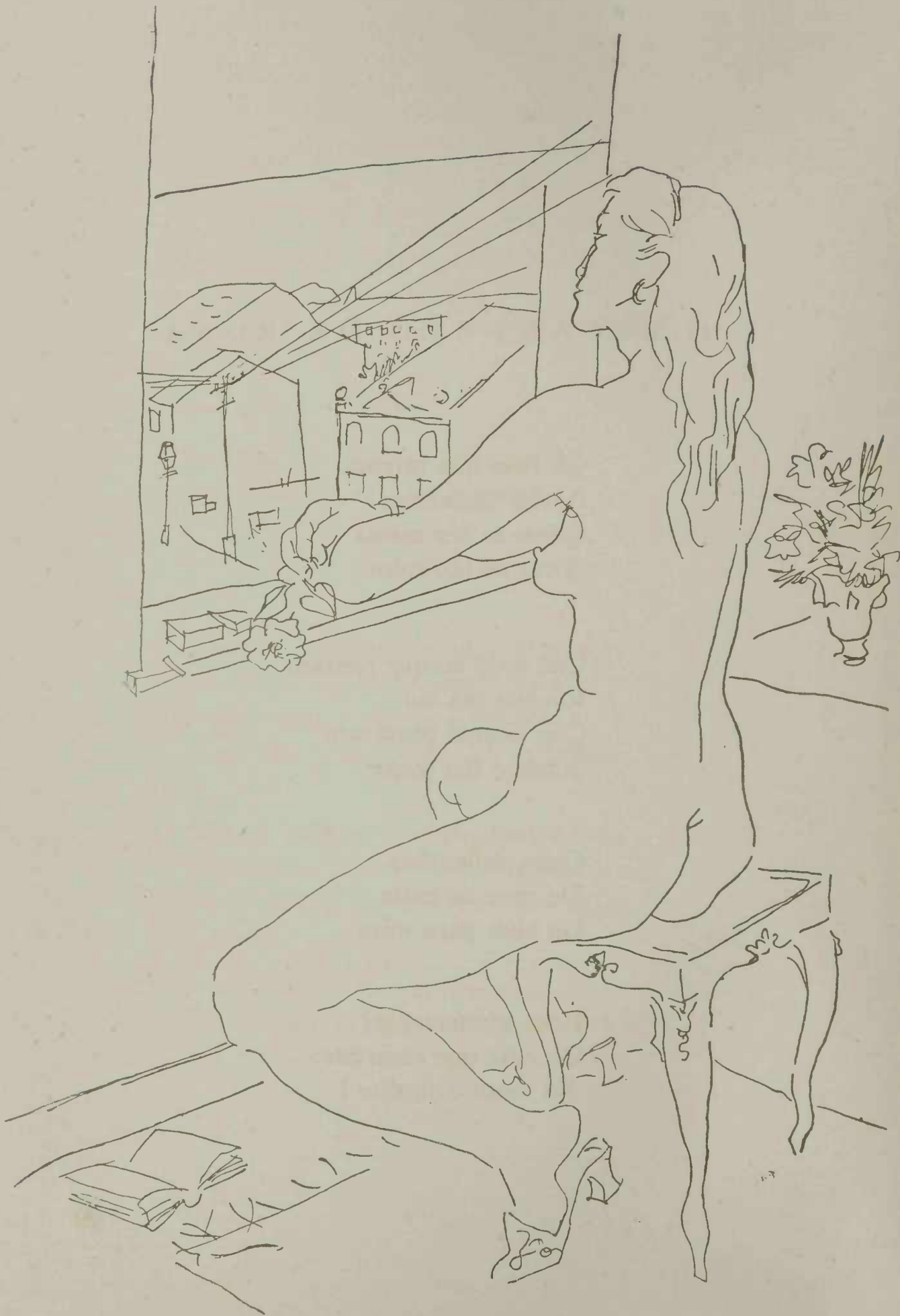
R O S Á R I O

E eu que era um menino puro
Não fui perder minha infância
No mangue daquela carne!
Dizia que era morena
Sabendo que era mulata
Dizia que era donzela
Nem isso não era ela
Era uma moça que dava.
Deixava... mesmo no mar
Onde se fazia em água
Onde de um peixe que era
Em mil se multiplicava
Onde suas mãos de alga
Sôbre meu corpo boiavam
Trazendo à tona águas-vivas
Onde antes não tinha nada.
Quanto meus olhos não viram
No céu da areia da praia
Duas estrêlas escuras
Brilhando entre aquelas duas
Nebulosas desmanchadas

E não beberam meus beijos
Aquêles olhos noturnos
Luzindo de luz parada
Na imensa noite da ilha!
Era minha namorada
Primeiro nome de amada
Primeiro chamar de filha...
Grande filha duma vaca!
Como não me seduzia
Como não me alucinava
Como deixava, fingindo
Fingindo que não deixava!
Aquela noite entre tôdas
Que cica os cajús! travavam!
Como era quieto o sossêgo
Cheirando a jasmim-do-cabo
Lembro que nem se mexia
O luar esverdeado
Lembro que longe, nos longes
Um gramofone tocava
Lembro dos seus anos vinte
Junto aos meus quinze deitados
Sob a luz verde da lua!
Ergueu a saia de um gesto
Por sôbre a perna dobrada
Mordendo a carne da mão
Me olhando sem dizer nada
Enquanto jazente eu via
Como uma anêmona na água
A coisa que se movia
Ao vento que a farfalhava.

Toquei-lhe a dura pevide
Entre o pêlo que a guardava
Beijando-lhe a coxa fria
Com gôsto de cana brava.
Sentí à pressão do dedo
Desfazer-se desmanchada
Como um dedal de segrêdo
A pequenina castanha
Gulosa de ser tocada.,
Era uma dança morena
Era uma dança mulata
Era o cheiro de amarugem
Era a lua côm de prata
Mas foi só naquela noite!
Passava dando risada
Carregando os peitos loucos
Quem sabe pra quem, quem sabe?
Mas como me seduzia
A negra visão escrava
Daquele feixe de águas
Que sabia ela guardava
No fundo das coxas frias!
Mas como me desbragava
Na areia mole e macia!
A areia me recebia
E eu baixinho me entregava
Com mêdo que Deus ouvisse
Os gemidos que não dava!
Os gemidos que não dava
Por amor do que ela dava

Aos outros de mais idade
Que a carregaram da ilha
Para as ruas da cidade
Meu grande sonho da infância
Angústia da mocidade.



O E S C Â N D A L O D A R O S A

Oh rosa que raivosa
Assim carmezim
Quem te fêz zelosa
O carne tão ruím

Que anjo ou que pássaro
Roubou tua côr
Que ventos passaram
Sôbre o teu pudor

Coisa milagrosa
De rosa de mate
De bom para mim

Rosa glamourosa?
Oh rosa que escarlata:
No mesmo jardim !

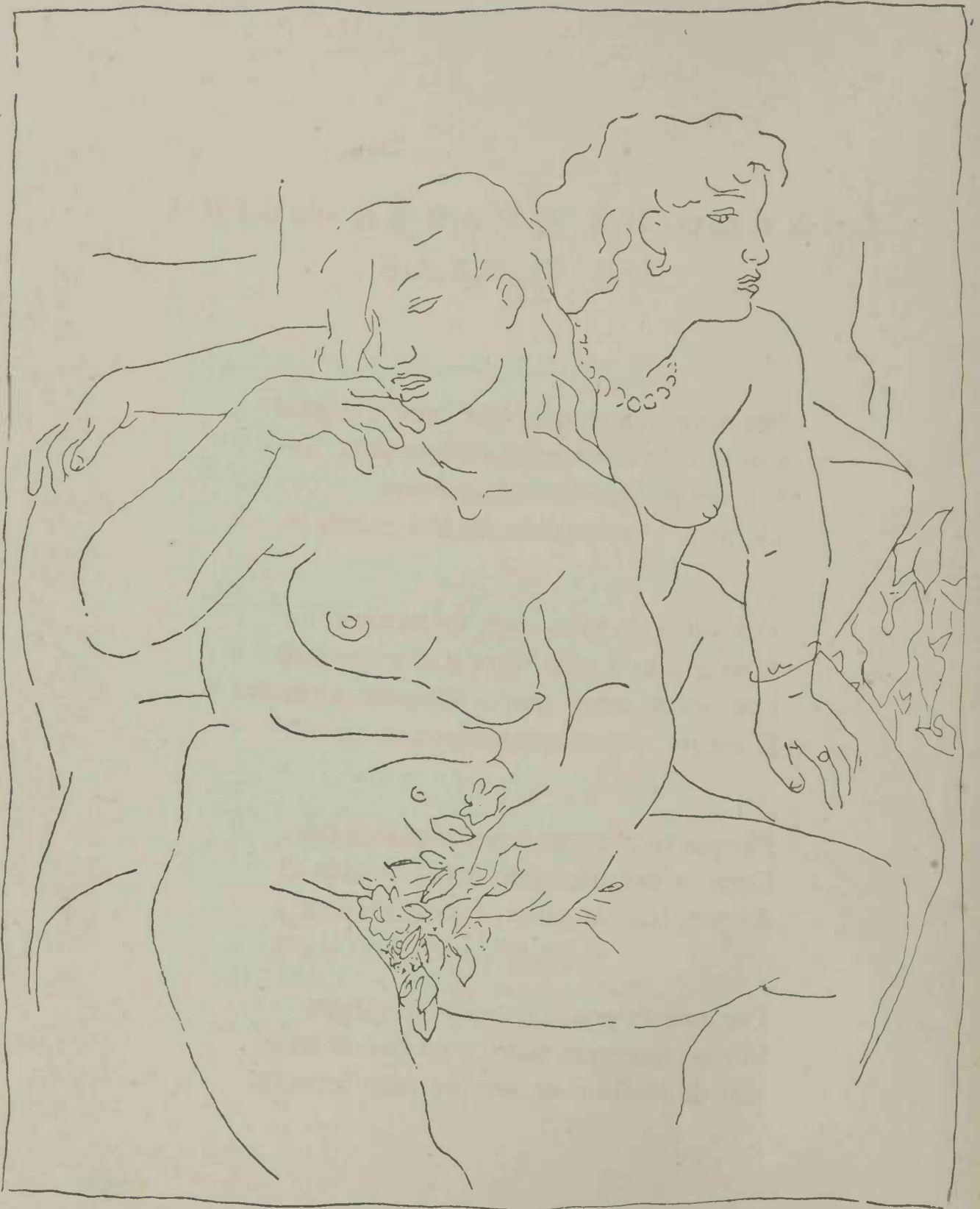
S O N E T O A O I N V E R N O

Inverno, doce inverno das manhãs.
Translúcidas, tardias e distantes
Propício ao sentimento das irmãs
E ao mistério da carne das amantes:

Quem és, que transfiguras as maçãs
Em iluminações dissemelhantes
E enlouqueces as rosas temporãs
Rosa dos ventos, rosa dos instantes?

Porque rufaste as tremulantes asas
Alma do céu? o amor das coisas várias
Fêz-te migrar — inverno sôbre casas !

Ó anjo tutelar das luminárias
Preservador de santas e de estrêlas...
Que importa a noite lúgubre escondê-las?



SONETO DE QUARTA-FEIRA
DE CINZAS

Por seres quem me fôste, grave e pura
Em tão doce surprêsa conquistada
Por seres uma branca criatura
De uma brancura de manhã raiada

Por seres de uma rara formosura
Mau grado a vida dura e atormentada
Por seres mais que a simples aventura
E menos que a constante namorada

Porque te vi nascer, de mim sòzinha
Como a noturna flor desabrochada
A uma fala de amor, talvez perjura

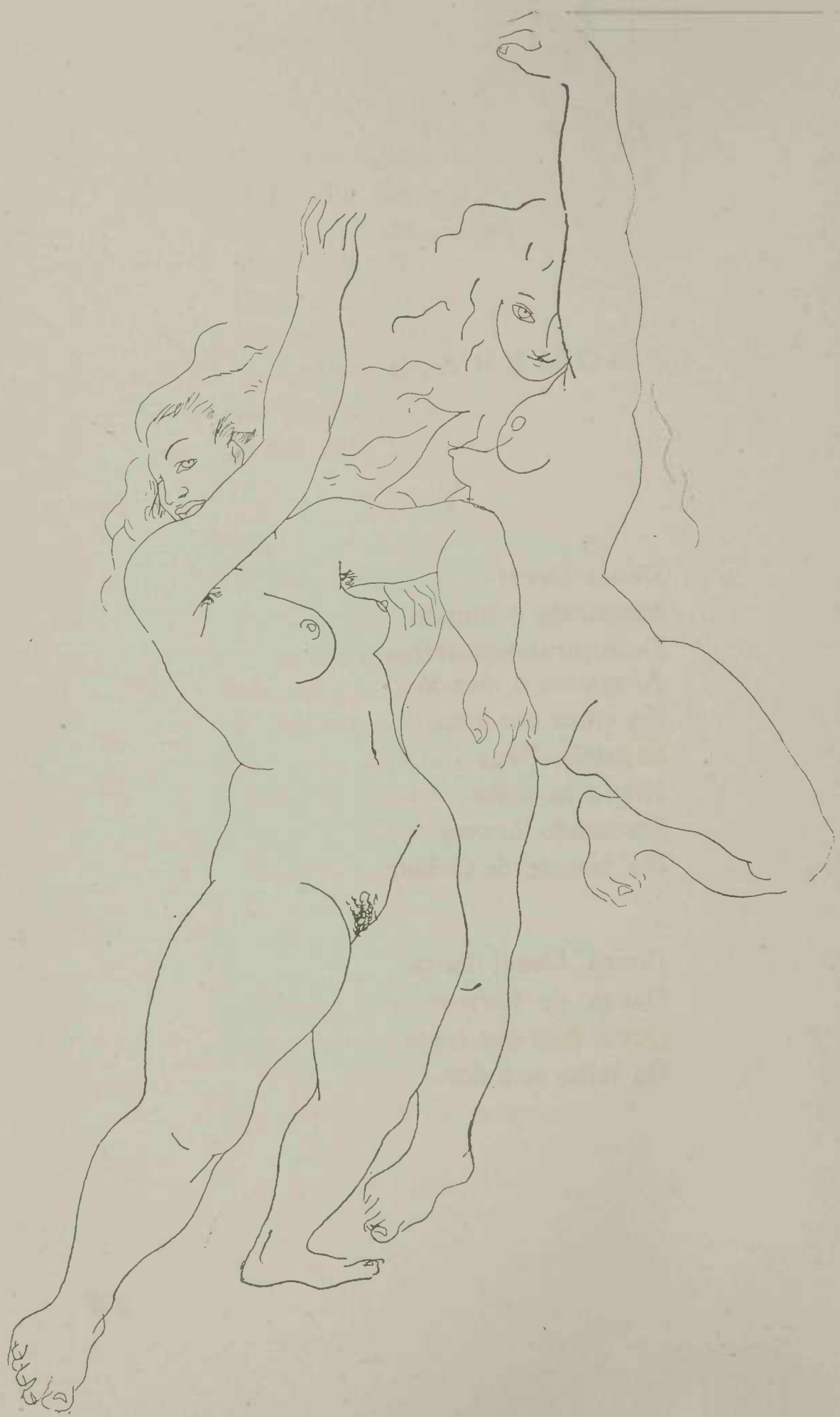
Por não te possuir, tendo-te minha
Por só queres tudo, e eu dar-te nada
Hei de lembrar-te sempre com ternura.

SAUDADE DE MANUEL
B A N D E I R A

Não foste apenas um segrêdo
De poesia e de emoção
Foste uma estrêla em meu degrêdo
Poeta, pai! áspero irmão.

Não me abraçaste só no peito
Puseste a mão na minha mão
Eu, pequenino — tu, eleito
Poeta! pai, áspero irmão.

Lúcido, alto e ascético amigo
De triste e claro coração
Que sonhas tanto a sós contigo
Poeta, pai, áspero irmão?



S O M B R A E L U Z

I

Dança Deus!
Sacudindo o mundo
Desfigurando estrêlas
Afogando o mundo
Na cinza dos céus
Sapateia, Deus
Negro na noite
Semeando brasas
No tûmulo de Orfeu.

Dança, Deus! dança
Dança de horror
Que a faca que corta
Dá talho sem dor.

A Dama Negra
A Rainha Euterpe
A Tôrre de Magdalen
E o Rio Jordão
Quebraram muros
Beberam absinto
Vomitaram bile
No meu coração.
E um gato e um soneto

No tûmulo preto
E uma espada nua
No meio da rua
E um bezerro de ouro
Na bôca do lobo
E um bruto alifante
No baile da Côrte
Naquele cantinho
Cocô de ratinho
Naquele cantão
Cocô de ratão.

Violino moço fino
— *Quem se rir há de apanhar*
Violão moço vadio
— *Não sei quem apanhará.*

II

Munevada glimou vestasudente.
Desfazendo-se em lágrimas azuis
Em mistério nascia a madrugada
E o vampiro Nosferatu
Descia o rio
Fazendo poemas
Dizendo blasfêmias
Soltando morcegos
Bebendo hidromel
E se desencantava, minha mãe!

Ficava a rua
Ficava a praia
No fim da praia
Ficava Maria
No meio de Maria
Ficava uma rosa
Cobrindo a rosa
Uma bandeira
Com duas túbias
E uma caveira.

Mas não era o que queria
Que era mesmo que eu queria?

“Eu queria uma casinha
Com varanda para o mar
Onde brincasse a andorinha
E onde chegasse o luar
Com vinhas nessa varanda
E vacas na vacaria
Com vinho verde e vianda
Que nem Carlito queria.”

Nunca mais, nunca mais!
As luzes já se apagavam
Os mortos mortos de frio
Se enrolavam nos sudários
Fechavam a tampa da cova
Batendo cinco pancadas.

Que fazer senão morrer?

III

Pela estrada plana, toc-toc-toc
As lágrimas corriam.
As primeiras mulheres
Saíam toc-toc na manhã
O mundo despertava! em cada porta
Uma espôsa batia toc-toc
E os homens caminhavam na manhã.

Logo se acenderão as forjas
Fumarão as chaminés
Se caldeará o aço da carne
Em breve os ferreiros toc-toc
Martelarão o próprio sexo
E os santos marceneiros roc-roc
Mandarão berços para Belém.
Ouve a cantiga dos navios
Convergindo dos temporais para os portos
Ouve o mar
Rugindo em cóleras de espuma
Have mercy on me O Lord
Send me Isaias
I need a poet
To sing me ashore
Minha luz ficou aberta
Minha cama ficou feita
Minha alma ficou deserta
Minha carne insatisfeita.

A Z U L E B R A N C O

CONCHA E CAVALO-MARINHO
Mote de PEDRO NAVA

Poema em louvor do edifício
do Ministério da Educação

I

Massas geométricas
Em pautas de música
Plástica e silêncio
Do espaço criado.

Concha e cavalo-marinho.

O mar vos deu em corola
O céu vos imantou
Mas a luz refez o equilíbrio.

Concha e cavalo-marinho.

Venus anadiomena
Multípede e alada
Os seios azuis
Dando leite à tarde

Viu-vos Eupalinos
No espelho convexo
Da gôta que o orvalho
Escorreu da noite
Nos lábios da aurora.

Concha e cavalo-marinho.

Pálpebras cerradas
Ao poder violeta
Sombras projetadas
Em mansuetude
Sublime colóquio
Da forma com a eternidade

Concha e cavalo-marinho.

II

Na verde espessura
Do fundo do mar
Nasce a arquitetura.

Do cal das conchas
Do sumo das algas
Da vida dos polvos
Sôbre tentáculos
Do amor dos pólipos
Que estratifica abóbadas
Da ávida mucosa
Das rubras anêmonas
Que argamassa peixes
Da salgada célula

De estranha substância
Que dá pêsso ao mar.

Concha e cavalo-marinho.

Concha e cavalo-marinho:
Os ágeis sinuosos
Que o raio de luz
Cortando transforma
Em claves de sol
E o amor do infinito
Retifica em hastes
Antenas paralelas
Propícias à eterna
Incursão da música.

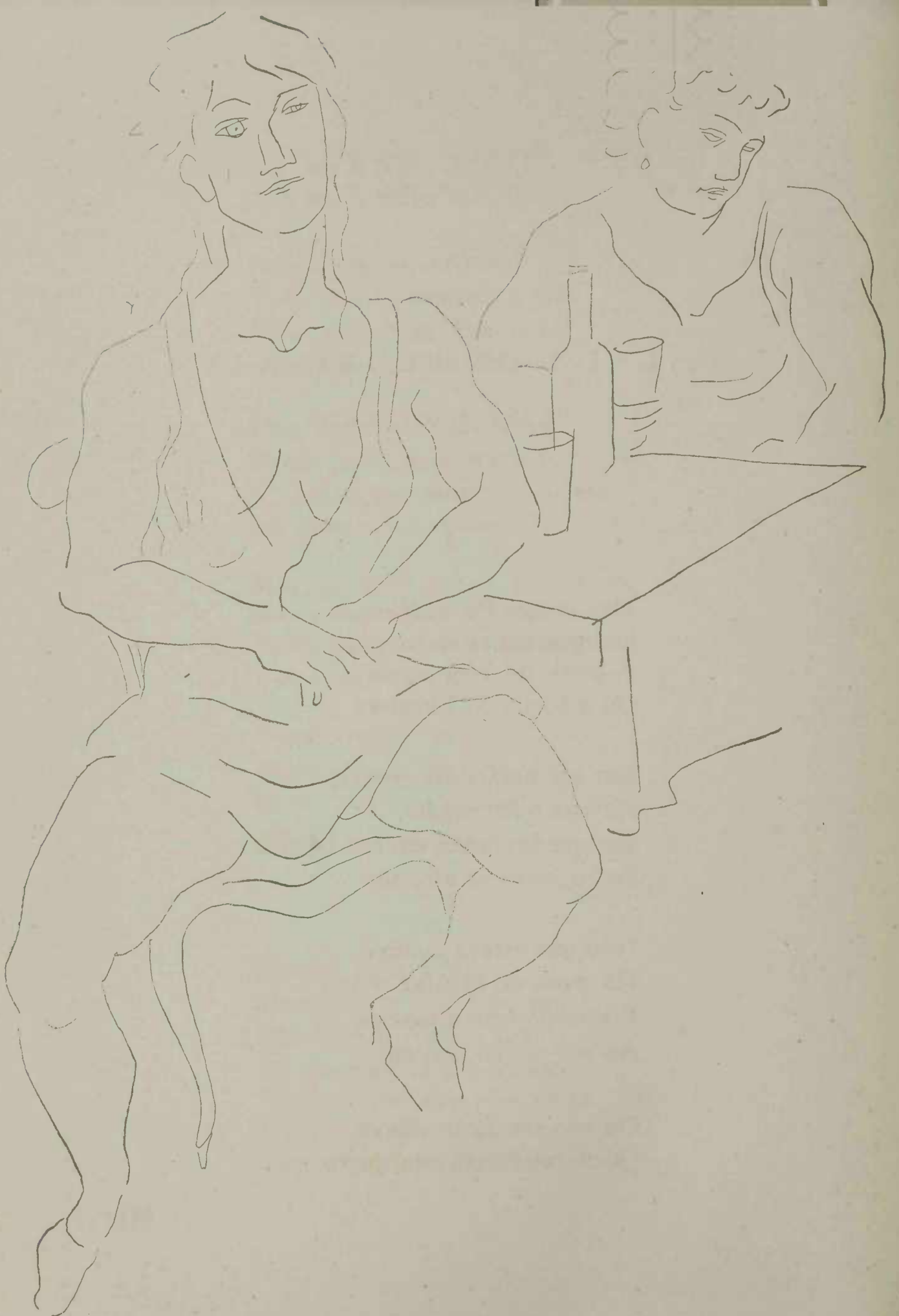
Concha e cavalo-marinho.

III

Azul... Azul...
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco
Azul e Branco

Concha...

e cavalo-marinho.



BALADA DE PEDRO NAVA

(O ANJO E O TÚMULO)

I

Meu amigo Pedro Nava
Em que navio embarcou:
A bordo do Westphalia
Ou a bordo do Lidador?

Em que antárticas espumas
Navega o navegador
Em que brahmas, em que brumas
Pedro Nava se afogou?

Juro que estava comigo
Há coisa de não faz muito
Enchendo bem a caveira
Ao seu eterno defunto

Ou não era Pedro Nava
Quem me falava aquí junto

Não era o Nava de fato
Nem era o Nava defunto...

Se o tivesse aqui comigo
Tudo se solucionava
Diria ao garçon: Escanção!
Uma *pedra* a Pedro Nava!

Uma pedra a Pedro Nava
Nessa pedra uma inscrição:
“...*dêsse que muito te amava*
teu amigo, teu irmão”

Mas oh, não! que êle não morra
Sem escutar meu segrêdo
Estou nas garras da Cachorra
Vou ficar louco de mêdo

Preciso muito falar-lhe
Antes que chegue amanhã:
Pedro Nava, meu amigo
DESCEU O LEVIATAN !

II

A moça dizia à lua:
Minha carne é côr-de-rosa
Não é verde como a tua
Eu sou menina e formosa.
Minhas maminhas — a moça
À lua mostrava as luas —
Têm a brancura da louça

Não são negras como as tuas.
E ela falava: Meu ventre
É puro — e o deitava à lua —
A lua que o sangra dentro
Quem haverá que a possua?
Meu sexo — a moça jogada
Entreabria-se nua —
É o sangue da madrugada
Na triste noite sem lua.
Minha pele é viva e quente
Lança o teu raio mais frio
Sôbre o meu corpo inocente...
Sente o teu como é vazio.

III

A sombra decapitada
Caiu fria sôbre o mar...
Quem foi a voz que chamou?
Quem foi a voz que chamou?

— Foi o cadáver do anjo
Que morto não se enterrou.

Nas vagas boiavam virgens
Desfiguradas de horror...
O homem pálido gritava:
Quem foi a voz que chamou?

— Foi o extático Adriático
Chorando o seu paramor.

De repente, no céu ermo
A lua se consumou...
O mar deu tûmulo à lua.
Quem foi a voz que chamou?

— Foi a cabeça cortada
Na praia do Arpoador.

O mar rugia tão forte
Que o homem se debruçou
Numa vertigem de morte:
Quem foi a voz que chamou?

— Foi a eterna alma penada
Daquele que não amou.

No abismo escuro das fragas
Descia o disco brilhante
Sumindo por entre as águas...
Ó lua em busca do amante!

E o sôpro da ventania
Vinha e desaparecia.
Negro cárcere da morte
Branco cárcere da dor
Luz e sombra da alvorada...
A voz amada chamou!

*

E um grande túmulo veio
Se desvendando no mar
Boiava ao sabor das ondas
Que o não queriam tragar

Tinha uma lage e uma lápide
Com o nome de uma mulher
Mas de quem era êsse nome
Nunca o pudesse dizer.

BALADA DAS MENINAS DE
BICICLETA

Meninas de bicicleta
Que fagueiras pedalais
Quero ser vosso poeta!
Ó transitórias estátuas
Esfuziantes de azul
Louras com peles mulatas
Princesas da zona sul:
As vossas jovens figuras
Retezadas nos selins
Me prendem, com serem puras
Em redondilhas afins.
Que lindas são vossas quilhas
Quando as praias abordais!
E as nervosas pantorrilhas
Na rotação dos pedais:
Que douradas maravilhas!
Bicicletai, menina
Aos ventos do Arpoador
Solta a flâmula agitada
Das cabeleiras em flor
Uma correndo à gandaia

Outra com geito de séria
Mostrando as perna sem saia
Feitas da mesma matéria.
Permanecei! vós que sois
O que o mundo não tem mais
Juventudes de maillots
Sobre máquinas de paz
Enxames de namoradas
Ao sol de Copacabana
Centaureusas transpiradas
Que o leque do mar abana!
A vós o canto que inflama
Os meus trint'anos, meninas.
Velozes massas em chama
Explodindo em vitaminas.
Bem haja a vossa saude
A' humanidade inquieta
Vós cuja ardente virtude
Preservais muito amiude
Com um selim de bicicleta:
Vós que levais tantas raças
Nos corpos firmes e crús:
Meninas, soltai as alças
Bicicletai seios nús!
No vosso rastro persiste
O mesmo eterno poeta
Um poeta — essa coisa triste
Escravizada à beleza —
Que em vosso rastro persiste
Levando a sua tristeza
No quadro da bicicleta.

M A R I N A

Lembras-te das pescarias
Nas pedras das Três-Marias
Lembras-te, Marina?

Na navalha dos mariscos
Teus pés corriam ariscos
Valente menina!

Cresciam na beira-luz
O papo dos baiacús
Que pescávamos

E nas vagas matutinas
Chupávamos tangerinas
E vagávamos.

Tinhas uns peitinhos duros
E teus beicinhos escuros
Flauteavam valsas

Valsas ilhoas! vadio
Eu procurava, no írio
De tuas calças

E te adorava; sentia
Teu cheiro a peixe, bebia
Teu bafo de sal

E quantas vêzes, precoce
Em vão, pela tua posse
Não me saí mal...

Deixavas-me dessa luta
Uma adstringência de fruta
De suor, de alga

Mas sempre te libertavas
Com doidas dentadas bravas
Menina fidalga!

Fôste minha companheira
Fôste minha derradeira
Única aventura?

Que nas outras criaturas
Não vi mais meninas puras
Menina pura.

P O E M A D E N A T A L

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos —
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colhêr o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será nossa vida:
Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrêla a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos —
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio

Não há muito que dizer:
Uma canção sôbre um bêrço
Um verso, talvez, de amor

Uma prece por quem se vai —
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para vêr a face da morte —
De repente nunca mais esperaremos.
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.



O DIA DA CRIAÇÃO

“Macho e fêmea os criou”
BÍBLIA, *O Gênesis*

I

Hoje é sábado, amanhã é domingo
A vida vem em ondas, como o mar
Os bondes andam em cima dos trilhos
E Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Não há nada como o tempo para passar
Foi muita bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo
Mas por via das dúvidas livrai-nos meu Deus de todo o mal.

Hoje é sábado, amanhã é domingo
Amanhã não gosta de ver ninguém bem
Hoje é que é o dia do presente
O dia é sábado.

Impossível fugir a essa dura realidade:
Nesse momento todos os bares estão repletos de homens
[vazios
Todos os namorados estão de mãos entrelaçadas
Todos os maridos estão funcionando regularmente
Tôdas as mulheres estão atentas
Porque hoje é sábado

II

Neste momento há um casamento
Porque hoje é sábado
Há um divórcio e um violamento
Porque hoje é sábado
Há um homem rico que se mata
Porque hoje é sábado
Há um incesto e uma regata
Porque hoje é sábado
Há um espetáculo de gala
Porque hoje é sábado
Há uma mulher que apanha e cala
Porque hoje é sábado
Há um renovar-se de esperanças
Porque hoje é sábado
Há uma profunda discordância
Porque hoje é sábado
Há um sedutor que tomba morto
Porque hoje é sábado
Há um grande espírito-de-porco

Porque hoje é sábado
Há uma mulher que vira homem
Porque hoje é sábado
Há criancinhas que não comem
Porque hoje é sábado
Há um pique-nique de políticos
Porque hoje é sábado
Há um grande acréscimo de sífilis
Porque hoje é sábado
Há um ariano e uma mulata
Porque hoje é sábado
Há uma tensão inusitada
Porque hoje é sábado
Há adolescências semi-nuas
Porque hoje é sábado
Há um vampiro pelas ruas
Porque hoje é sábado
Há um grande aumento no consumo
Porque hoje é sábado
Há um noivo louco de ciúmes
Porque hoje é sábado
Há um *garden-party* na cadeia
Porque hoje é sábado
Há uma impassível lua cheia
Porque hoje é sábado
Há damas de tôdas as classes
Porque hoje é sábado
Umás difíceis, outras fáceis
Porque hoje é sábado
Há um beber e um dar sem conta

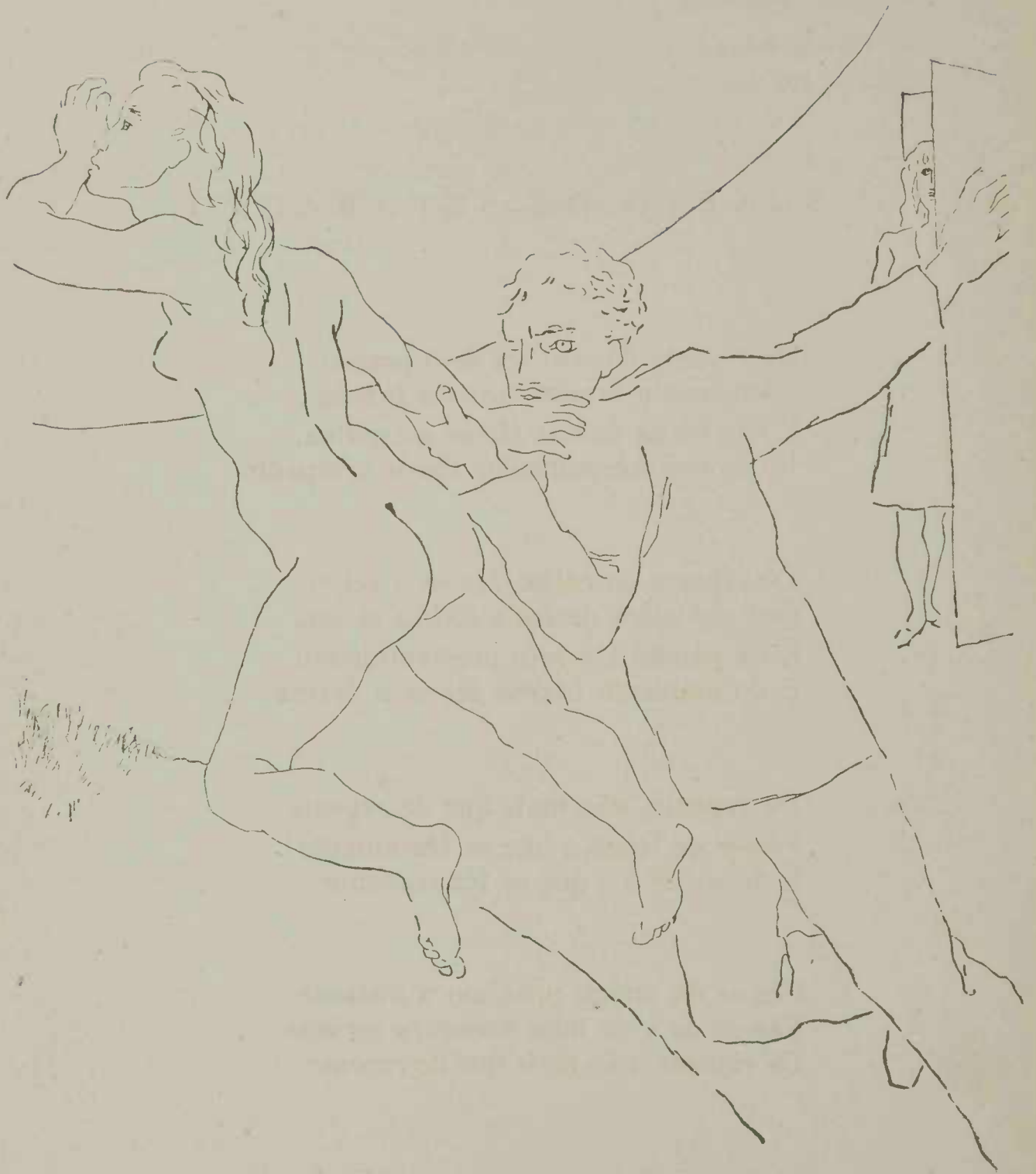
Porque hoje é sábado
Há uma infeliz que vai de tonta
Porque hoje é sábado
Há um padre autêntico a paisana
Porque hoje é sábado
Há um frenezí de dar banana
Porque hoje é sábado
Há a sensação angustiante
Porque hoje é sábado
De uma mulher dentro de um homem
Porque hoje é sábado
Há a comemoração fantástica
Porque hoje é sábado
Da primeira cirurgia plástica
Porque hoje é sábado
E dando os trâmites por findos
Porque hoje é sábado
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado

III

Por tôdas essas razões deverias ter sido riscado do Livro
[das Origens, ó Sexto Dia da Criação.
De fato, depois da Ouverture do Fiat e da divisão de luzes
[e trevas
E depois, da separação das águas, e depois, da fecundação
[da terra

E depois, do gênese dos peixes e das aves e dos animais
[da terra
Melhor fôra que o Senhor das Esferas tivesse descansado.
Na verdade, o homem não era necessário
Nem tu, mulher, ser vegetal, dona do abismo, que queres
[como as plantas, imòvelmente e nunca saciada
Tu que carregas no meio de ti o vórtice supremo da paixão.
Mal procedeu o Senhor em não descansar durante os dois
[últimos dias
Trinta séculos lutou a humanidade pela semana inglesa
Descansasse o Senhor e simplesmente não existiríamos
Seríamos talvez polos infinitamente pequenos de partículas
[cósmicas em queda invisível na terra
Não viveríamos da degola dos animais e da asfixia dos peixes
Não seríamos paridos em dor nem suaríamos o pão nosso
[de cada dia
Não sofreríamos males de amor nem desejaríamos a mulher
[do próximo
Não teríamos escola, serviço militar, casamento civil, im-
[posto sôbre a renda e missa de sétimo dia.
Seria a indizível beleza e harmonia do plano verde das terras
[e das águas em núpcias
A paz e o poder maior das plantas e dos astros em colóquio
A pureza maior do instinto dos peixes, das aves e dos ani-
[mais em cópula.
Ao revés, precisamos ser lógicos, frequentemente dog-
[máticos
Precisamos encarar o problema das colocações morais e es-
[téticas

Ser sociais, cultivar hábitos, rir sem vontade e até praticar o
[amor sem vontade
Tudo isso porque o Senhor cismou em não descansar no
[Sexto Dia e sim no Sétimo
E para não ficar com as vastas mãos abanando
Resolveu fazer o homem à sua imagem e semelhança
Possivelmente, isto é, muito provavelmente
Porque era sábado.



SONETO DE SEPARAÇÃO

De repente do riso fêz-se o pranto
Silencioso e branco como a bruma
E das bôcas unidas fêz-se a espuma
E das mãos espalmadas fêz-se o espanto.

De repente da calma fêz-se o vento
Que dos olhos desfez a última chama
E da paixão fêz-se o pressentimento
E do momento imóvel fêz-se o drama.

De repente, não mais que de repente
Fêz-se de triste o que se fêz amante
E de sozinho o que se fêz contente

Fêz-se do amigo próximo o distante
Fêz-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente.

ÍNDICE

Soneto de fidelidade	7
Soneto de Carnaval	8
A Morte	11
A partida	12
Marinha	14
Os acrobatas	17
Paisagem	20
Balada do Cavalão	23
Canção	26
Quatro sonetos de meditação	29
O riso	35
Pescador	36
Lápide de Sinhazinha Ferreira	43
Barcarola	44
Soneto de despedida	47
O apêlo	48
Notícia d'“O Século”	49
Soneto da madrugada	50
Sinos de Oxford	51
Trecho	55
Mar	56
Balada da praia do Vidigal	59
Cântico	63
A um passarinho	66
Estrêla Polar	69
Soneto do maior amor	70
Imitação de Rilke	73
Balada do enterrado vivo	74
Epitáfio	79

Soneto de Londres	80
Allegro	83
Soneto de véspera	84
Balada do Mangue	87
Soneto a Octavio de Faria	90
Rosário	93
O escândalo da rosa	99
Soneto ao inverno	100
Soneto de quarta-feira de cinzas	103
Saudade de Manuel Bandeira	104
Sombra e luz	107
Azul e branco	112
Balada de Pedro Nava	117
Balada das meninas de bicicleta	122
Marinha	124
Poema de Natal	127
O Dia da Criação	131
Soneto de separação	139

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA EMPRESA GRAFICA
DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" LTDA., A
RUA CONDE DE SARZEDAS, 38 — SÃO
PAULO, BRASIL — EM JULHO DE 1946.

